

Que idéia mais louca!

Comecei a agitar minha viagem em agosto de 1995, mas já pensava nisso durante meus anos de estudos na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Era uma universidade interessante, um clima jovem. Pessoas das mais diferentes áreas, culturas e interesses possíveis convivendo em período quase integral.

Sem dúvida fiz muitos amigos e alguns deles influenciaram diretamente no meu gosto por viajar de bicicleta.

Em 1993 conheci Vitor Negreti, estudante de engenharia que planejou e executou, juntamente com mais dois amigos a travessia da estrada Transamazônica. Pedalaram do estado do Pará até o Amazonas, percorrendo um roteiro perigoso e ao mesmo tempo exótico e excitante. Vitor me contou muitas histórias e aventuras e me deixou com uma certa “coceira” de viajar de bike.

No mesmo ano, pensava em ir ao Peru para surfar as famosas ondas de Punta Hermosa, as mais longas e perfeitas da América do Sul. Foi quando fui surpreendido pela proposta de um outro amigo e grande ciclista, Dida, também da faculdade de Educação Física.

A idéia do Dida era atravessar o litoral desértico do Peru pedalando mountain bikes. Aquilo me atraía, mesmo sabendo que o meu esporte era o surfe e nem bicicleta eu tinha.

Depois de muita conversa, sonhos e expectativas resolvemos fazer um projeto escrito da viagem para tentar algum patrocínio ou apoio de empresas, jornais, revistas ou qualquer um que acreditasse na aventura. Levados pela empolgação do Dida que conseguia todos os contatos necessários, convidamos mais um amigo para a façanha, o Jonny, companheiro de várias outras viagens.

Assim, resolvemos que o Dida e o Jonny iam pedalar e eu seria o Homem de Apoio, ou seja, viajaria de ônibus levando todo o tipo de material de reposição e comida. Além disso, conseguiria hospedagem e divulgação da Imprensa. Seria a melhor maneira de ir, pois poderia levar minha prancha e ir surfando entre um apoio e outro.

Com o projeto pronto, conseguimos alguns incentivos, mas o mais importante que era o dinheiro da passagem e estadia, nada. Resumindo, faltando poucas semanas para a partida não tínhamos dinheiro ou equipamentos suficientes para a empreitada, por isso resolvemos desistir do projeto.

Mesmo assim, o Dida, pedindo empréstimos para toda a família e sendo ajudado por nossa amiga peruana Ruth, conseguiu fazer o percurso. Pedalou de Lima até Camaná por mais de 800Km de desertos e praias peruanas.

Eu acabei viajando com recursos próprios, mas não para pedalar com Dida e sim para surfar em Punta Hermosa.

Um ano depois, após também comprar uma bicicleta, fiz minha primeira viagem de bike. Fui sozinho de São Paulo até Ouro Preto (MG), passando por Cidades Históricas e dormindo em Igrejas e delegacias. Rodei 725Km de estradas, num total de 9 dias.

Foi nesta primeira viagem, sentindo a liberdade de fazer um Cicloturismo que comecei a pensar se era possível fazer isso por um tempo maior, sem destino final. Se necessário, trabalhando no caminho para gerar recursos. A idéia começava a tomar um espaço maior na minha cabeça e no meu coração.

Me formei no curso de Educação Física no final de 94 e o ano seguinte passei um pouco perdido.

Não queria voltar a morar com minha família em São Paulo. Não que eu não os amasse, muito pelo contrário, ainda são as pessoas que mais amo e posso contar na hora que quiser ou precisar. Mas por outro lado, eu tinha mudado bastante e precisava do meu espaço.

Além disso, não queria voltar a morar em Sampa por nada. Trânsito, stress, shoppings e multidões não eram exatamente o que eu queria da vida.

Fui então tentar a sorte no Rio.

Depois de algumas semanas tentei Vitória (ES), depois Salvador (BA). Voltei para São Paulo, depois Campinas e ainda não sabia o que fazer ou qual era meu lugar.

Passados 6 meses de bicos aqui e ali para juntar uns trocados, resolvi voltar para São Paulo novamente para trabalhar fixo numa empresa de eventos como gerente. Fiquei 3 meses e descobri mais uma vez que não queria aquilo.

Estava muito cedo para entrar no sistema de vida do paulistano. Trabalhar e ganhar dinheiro para poder viver numa cidade que eu não gostava e comprar coisas que eu realmente não precisava.

Não resumiria minha existência em consumir coisas para ter prazer, algo que para mim não tinha sentido.

Preferia não ter, a ser um escravo das minhas próprias coisas. Preferia viver “prazerosamente” o tempo todo, a esperar o fim de semana para ser feliz.

Meu sonho era conhecer novos lugares, novas pessoas, culturas diferentes, ser livre para decidir o que ia fazer no meu dia, do momento que eu acordasse até a hora de dormir.

É lógico que eu sabia que para realizar meus desejos teria que abrir mão de muitas outras coisas.

Conforto, família, dinheiro, carreira profissional; seria bom ter tudo isso! Mas talvez mais tarde!

Valeria a pena viver O Hoje!

Preparativos

Trabalhei duro durante o segundo semestre de 95. Era monitor de recreação em acampamentos de crianças e adolescentes.

Já não era um trabalho fixo e sim “free lancer”, ou seja, eu ganhava por evento que fazia. E fazia muitos!

Tentava economizar ao máximo o dinheiro que recebia pensando em guardar para a viagem. Coisa que não era muito difícil pois não gastava nem um tostão enquanto estava nos acampamentos, incluindo comida e moradia.

No final de novembro já tinha 1.500 reais para iniciar minha viagem. Além disso, comprei e equipei para cicloturismo uma “Specialized” novinha.

Não era uma bike de ponta como aquelas de competição, com amortecedor e tudo, mas quem precisava disto. Era perfeita para o que eu ia fazer.

Tinha o quadro de cromo com garantia eterna, ou seja, quase inquebrável. Coisa importante para quem pensa em ir longe.

Outro componente que deve ser de boa qualidade numa bicicleta para viajar é o câmbio, e o meu, era o “Altus” 21 marchas da “Shimano”. Um sistema que provou ser resistente e muito eficiente.

Além de bagageiro, bomba de ar, estojo de ferramentas, remendos para pneu e uma câmara de ar extra, a bike levava dois alforges, que são bolsas laterais para bagagem. Ficava bem mais pesada e com a aparência daquelas mulas de carga, por isso apelidei-a de “La Mula”.

Dentro dos alforges iam as roupas, um saco de dormir e todos os “apetrechos”. Tudo bem embalado em pequenos sacos de supermercado para não molhar no caso de chuva.

Pensava muito na viagem durante os meses em que estive trabalhando nos acampamentos. Precisava definir algumas metas e objetivos pois apesar de querer sair sem destino, bem no estilo “Easy Rider”, era importante ter uma direção.

Sem tempo delimitado, se acabasse a grana eu poderia parar e trabalhar.

Desta forma, pensei. Criaria um roteiro para seguir. Algum objetivo. Chegando lá, poderia continuar. Criar um novo roteiro com novos objetivos e ir seguindo meu caminho. Assim como na vida.

Por isso, logo de início descartei a idéia de pedir patrocínio. Sabia que apesar de um patrocinador facilitar muitas coisas tais como dinheiro, equipamentos e segurança, teria um problema: seria obrigado a seguir um projeto, um caminho e um tempo delimitados anteriormente. E com certeza, não era isso que eu procurava naquele momento.

Outro ponto que tenho que mencionar é o espírito que aos poucos foi se criando nesses meses que precederam a minha partida. Conversando e lendo muitos livros sobre os mais diversos tipos de viagens e aventuras, fui percebendo que minha energia estava praticamente tomada pela minha busca de liberdade e simplicidade.

Simplicidade no sentido de reduzir minhas necessidades no nível mais básico. Um Ser Humano precisa comer, dormir e se relacionar com outros para viver e era isso que eu ia fazer.

Para dormir, qualquer lugar serviria. Igrejas, delegacias, postos de gasolina, casas abandonadas, varandas, etc. Além do mais, eu levaria a “Nhonha”, minha barraca de camping que me quebrava muitos galhos.

Já que a parte dos relacionamentos também seria de graça, o dinheiro serviria somente para a alimentação. Quando digo alimentação quero dizer café da manhã, uma refeição mais nutritiva e um lanche, pois pedalando têm-se que comer melhor. A comida, além de sustentar, é sua gasolina. Por isso deve ser de boa qualidade.

Tudo isso deveria estar dentro do “louco” orçamento diário de R\$5,00.

À primeira vista você vai achar que passei fome, porém, mais para frente verá que na média gastei até menos. Você não acredita, mas sendo bem controlado, o seu dinheiro parece dar cria! Claro que às vezes pode-se extrapolar porque ninguém é de ferro, mas também contava com a sorte de convites e doações de amigos que eventualmente faria no caminho. Seriam sempre bem vindos!

Desta maneira, de acordo com meus cálculos, poderia viajar 300 dias sem ter que trabalhar.

Eu iria a qualquer custo. Sem desistir como no antigo projeto do Perú, pois agora não dependeria da grana de ninguém.

A idéia inicial era viajar de bike, mas na verdade isso era só uma forma agradável de ir, um pretexto para poder conhecer mais profundamente os lugares, as pessoas e as culturas diferentes.

Sempre acreditei que uma das melhores oportunidades de aprender coisas, intelectual ou espiritualmente, é vivendo da maneira mais intensa possível. Até hoje não conheço forma mais intensa de viver como numa viagem, ainda mais numa bicicleta.

Na verdade, acho que todas as pessoas deveriam tentar viver, mesmo no dia a dia das cidades, como numa viagem. Fazendo das suas rotinas, eternas aventuras. Deixando a imaginação correr solta pelas veias. Usando a criatividade ao máximo nas suas relações diárias. Enfim, sendo um pouco mais “Crianças”.

Bom, voltando à minha viagem, selecionei as direções e os roteiros que gostaria de seguir, partindo da minha casa em São Paulo, pois queria ter o prazer de sair de casa já pedalando.

Depois de muito pensar, analisando alguns aspectos como estradas, distâncias, melhores épocas e pontos de parada, resolvi finalmente que direção tomar. Iria para o Norte.

O que levar ?

Como decidí ir para o lado mais tropical, poderia levar menos peso em roupas. Coloco aqui a lista de bagagem e outras anotações que fiz na minha agenda durante a programação desta aventura.

É bom deixar claro que eram as anotações que fiz ainda em São Paulo e como toda boa programação, foi sofrendo modificações durante o caminho.

BAGAGEM

- | | |
|---------------------------------|--------------------------|
| 1- Bicicleta 21 marchas | 22- Caderninho c/ caneta |
| 2- Bagageiro c/ 2 alforges | 23- Passaporte |
| 3- Barraca de 2 lugares | 24- Cartão de banco |
| 4- Saco de dormir | 25- Filmes de retrato |
| 5- Máquina fotográfica | 26- Boné |
| 6- Walkman | 27- Blusa de moleton |
| 7- 10 fitas k7 | 28- Calça |
| 8- Lanterna | 29- Chinelo |
| 9- Pasta c/ documentos | 30- Sunga de banho |
| 10- Mapa rodoviário (Brasil) | 31- Tênis |
| 11- Livro | 32- Bermuda de lycra |
| 12- Disquete de computador | 33- 2 calções |
| 13- Estojo de chaves | 34- 5 camisetas |
| 14- Câmera de pneu (extra) | 35- 3 cuecas |
| 15- Caixa de remendos p/ pneus | 36- 2 meias |
| 16- Pote de graxa | 37- Protetor solar |
| 17- Bomba de ar | 38- Óculos escuros |
| 18- Garrafa de água | 39- Desodorante |
| 19- Odômetro (comput. de bordo) | 40- Sabonete |
| 20- Pochete | 41- Pasta/ escova dental |
| 21- Canivete | 42- Lâmina p/ barba |
| 22- Colher | 43- Repelente de insetos |

ROTEIRO INICIAL

São Paulo - Campinas (bike)

Campinas - Rio (bike)

Rio - Salvador (carona ou bike)

Salvador - Belém (bike)

Belém - Manaus (barco)

Manaus - Caracas (Venezuela)

Daí para frente, arrumar uma maneira de chegar na Califórnia (talvez de barco pelo Caribe ou por terra pela América Central)

ORÇAMENTO

inicial - R\$1.500,00

plano de gastos - R\$5,00 por dia (alimentação)

tempo sem precisar trabalhar - 300 dias de viagem

distância média diária - 70Km

3.000Km = 43 dias aproximadamente, sem contar as paradas

p.s. (Na verdade fiz longas paradas, que sem dúvida, passaram a ser os pontos mais “curtidos” da viagem).

Certamente, mesmo que eu quisesse pedalar 70Km por dia durante 300 dias seguidos, não conseguiria. Provavelmente você não estaria lendo agora este relato. Talvez eu estivesse a 21.000Km longe daqui e completamente louco, ou nem mesmo teria passado do terceiro dia. Quem vai saber?

A verdade é que não segui meus planos à risca e era isso mesmo que eu queria. Aproveitar o inesperado era o meu lema!

Como você viu na lista de coisas que eu levei, não esqueci de um caderninho de anotações que além de diário de bordo, também era minha agenda de telefones e endereços dos amigos e parentes.

Foi nela que escrevi as coisas mais importantes que passei durante os nove meses que estive viajando, e que serviu de base para escrever estes relatos.

Em alguns momentos escrevia diariamente, em outros somente quando me dava vontade, pois nem sempre o ritmo e a importância dos acontecimentos proporcionavam isso.

Então vamos lá!

O dia “D”

Dia 10 de dezembro de 95, o dia “D”. Acordei cedo, ainda noite na cidade de São Paulo.

Já tinha despedido da minha mãe e irmãos na noite anterior por isso rapidamente tomei o café da manhã sozinho. Peguei a *Mula* que já estava pronta, dei a última olhada pelo apartamento apagado e saí. Sabia que demoraria para voltar.

A noite transformava-se em dia, eram 5:50h no relógio do computador de bordo preso ao guidão. Começava ali, aquela que seria minha mais longa e louca viagem até o momento.

Pedalei num ritmo mais acelerado que de costume devido provavelmente à quantidade alta de adrenalina que circulava pelo meu corpo. Passei pelo Parque Ibirapuera, Avenida Brasil e Sumaré até a Barra Funda, chegando finalmente à Marginal do Tietê.

De tão rápido que fui, saí no lugar errado e tive que voltar uns 3Km pela Marginal para pegar a saída da Rodovia dos Bandeirantes, por onde eu continuaria rumo a Campinas.

Campinas, na verdade era mais minha casa que propriamente São Paulo, pois apesar de já estar formado a um ano, ainda morava, meio que turisticamente, na moradia dos estudantes da Unicamp. Era lá também, que vivia a maioria dos meus amigos que ainda estudavam na universidade.

O tempo amanheceu nublado, porém seco, acompanhado de uma brisa fresca.

Eu pedalava com a bicicleta leve, pois os alforges com toda a bagagem me esperavam em Campinas.

Andei bem, chegando a uma média de 29Km/h.

No restaurante Lago Azul, depois de Jundiá, dei um fresco para o meu traseiro, que por sinal é a parte do corpo que mais sofre no Cicloturismo. Dei um tempo, comi biscoitos, tomei muita água e continuei meu caminho até Campinas.

Às 11 da manhã, finalmente cheguei em Barão Geraldo, bairro pouco afastado do centro de Campinas onde fica a Unicamp e sua moradia estudantil.

O sol, que brilhava desde a minha parada, agora estava torrando. Mesmo assim fui num ótimo tempo. Meu recorde na travessia entre as duas cidades. Eu já tinha feito outras vezes mas nunca em 4 horas e meia.

Quando falo de tempo de pedalada, falo do tempo marcado pelo cronômetro do computador de bordo que não é o tempo total da viagem mas sim o tempo da bicicleta em movimento, já descontadas as eventuais paradas.

Estava em Campinas, após 133Km de acostamento da Bandeirantes. O visual até que é bonito, cercado de campos e pequenas fazendas de plantio, mas prefiro viajar por estradas secundárias e menos movimentadas.

Fiquei 5 dias em Barão Geraldo pois precisava acertar alguns detalhes, despedir de muitos amigos e da Carol em especial.

Naqueles tempos a Carol era minha amiga mais colorida, meu “rolo” como diriam alguns. Simplesmente porque sabendo da viagem, não queríamos assumir nada que nos fizesse sofrer depois. De qualquer maneira era a pessoa com quem eu estava mais perto e isso me fazia bem.

Aqueles dias me tranquilizaram bastante, pois já vivia num ritmo de viagem onde aproveitava os momentos como se fossem os últimos naquele lugar. E realmente eram. Pelo menos por algum tempo.

Parece loucura mas sentia que tinha resolvido toda minha História por ali. Não havia mais nada pendente. Podia ir tranquilo, sem tempo para voltar.

A sensação é ótima e foi muito importante ter esta certeza.

Na noite do dia 14 de dezembro estava com tudo pronto, *La Mula* devidamente carregada, contatos feitos e partida marcada para a manhã seguinte. Só faltava uma coisinha, esperar a Carol para passarmos a última noite juntos.

Ela demorou, mas chegou. E num astral descompromissado, nos despedimos em grande estilo, pois ficaríamos muito tempo sem nos ver.

Dei-lhe até um colar com brincos para lembrar-se de mim.

Tchau Unicamp, até um dia!

Na manhã seguinte, fiquei de encontrar a Paula, o Ivan e seu primo mais novo Ricardo que me acompanhariam.

A Paula, nossa amiga e campeã brasileira de karatê, pedalaria conosco até Atibaia, enquanto que Ivan e Ricardo estavam dispostos a chegar comigo em Ubatuba, já no litoral paulista.

Fomos saindo de Barão Geraldo animados. Enquanto os outros estavam excitados pela aventura de viajar de bike até uma outra cidade, eu, meio quieto, só pensava naquele lugar. Quantos anos vivi ali, estudando, curtindo, conhecendo tantas pessoas. Muitas lembranças passavam em segundos na minha cabeça.

Eu não ia simplesmente sair de férias. Não estaria de volta no próximo semestre como todo mundo. Não sabia nem se voltaria àquele lugar algum dia.

- Tchau Unicamp, até um dia!

Pedalamos os 4 pela rodovia D. Pedro I, que é próxima da saída de Barão e liga Campinas a Jacareí.

Sáímos um pouco atrasados pois o sol de verão já dava o ar de sua graça e com muita imponência. Continuávamos pelo acostamento e apesar do largo tamanho da estrada, o movimento era pouco.

Pedalar acompanhado era bem diferente de estar sozinho, não que fosse melhor ou pior, mas era simplesmente diferente. O fato de ter mais pessoas modifica o sentido da viagem, pensa-se em dividir as emoções, conversar, decidir em conjunto e isso me fazia sentir bem também. Quanto mais experiências diferentes melhor.

A Paula se adaptou rápido pois era sua primeira viagem. Conversamos bastante e senti seu astral ótimo. Ao contrário, o Ricardo não curtiu muito a experiência. Numa falta de sorte, seu pedal direito quebrou, o que atrasou mais ainda o grupo além de machucar os pés do rapaz.

A visão que tínhamos era parecida com a do trecho na Bandeirantes com a diferença de haver algumas montanhas de pedra e lagoas próximas à pista. Chegando em Atibaia podia se ver ao longe a Pedra Grande. É a montanha mais alta, de onde saltam voadores de asa-delta e paraglider e têm-se a vista mais linda da cidade.

Faltando pouco para a uma da tarde, saímos da D. Pedro por uma pequena via de terra à direita que levava à entrada do sítio do Ivan, local onde passaríamos aquela noite.

Foi uma bela tarde de descanso. O sítio do Ivan sempre foi nossa hospedagem em Atibaia. E que hospedagem! Simples, grande e no meio da natureza, o Q.G. ideal das pedaladas, festas e aventuras na Pedra Grande que volta e meia rolavam por lá.

Desta vez, dormiríamos somente uma noite, partindo logo na manhã seguinte. Iríamos só eu e Ivan, pois com seu pé inchado e doendo, Ricardo preferiu voltar no outro dia para São Paulo. Paula também voltou para Campinas. Voltou com nossa outra amiga, Erica que fora de carro só para buscá-la.

Depois do almoço merecido, subimos no telhado da casa, onde existe uma espécie de mirante. Presenciamos um maravilhoso pôr do sol enquanto jogávamos conversa fora. Só fomos dormir quando os vorazes pernilongos iniciaram seu jantar: nós!

Percebi, durante aquele dia, que minha forma física estava ótima para o início da empreitada. Estava bem treinado, com 60 quilos e meio (o que era o peso ideal para meu pequeno corpo de 1,63m). Tinha a resistência perfeita para a maratona que iria enfrentar, com a *Mula*, agora bem mais pesada.

Grande companheiro, o Ivan

Dormi como uma pedra, acordando bem cedo. Tomamos o café, despedimos do Ricardo e saímos às 7:30h. Pedalamos num ritmo moderado pois o Ivan estava voltando a pedalar depois de algum tempo sem treinar e sentia seu joelho.

Levamos duas horas para chegar em Nazaré Paulista pela D. Pedro, cidade banhada por uma imensa represa de águas verdes e límpidas.

Na frente da represa, seguindo um caminho de terra, chegamos na comunidade de Nazaré, local escondido e sossegado, onde morava já a quase um ano, meu irmão André.

Comunidade alternativa, centro de vivências e de meditação, era onde André procurava seu desenvolvimento espiritual. Seus moradores recebem com frequência hóspedes a procura de vivências nesta área. Todos devem realizar trabalhos domésticos e comunitários como cozinhar ou cuidar da horta, além é claro de meditar e aprender a lidar com os outros e consigo mesmo.

Passamos pouco tempo pois não queríamos atrapalhar os trabalhos e só dar um alô ao André, mas mesmo assim conhecemos alguns hóspedes e moradores de Nazaré.

Tomamos água gelada, despedimos de todos e com os bons votos do meu irmão mais velho, voltamos à estrada com destino a São José dos Campos, minha terra natal, onde éramos esperados pelos meus padrinhos.

Em Igaratá, resolvemos arriscar um provável atalho, que acreditávamos, cortaria um bom trecho do percurso tradicional, evitando também, trafegar na via Dutra, movimentada e perigosa.

Porém, estávamos errados. Sem bússola, logo nos perdemos por entre as cadeias de montanhas, cortadas pelas dezenas de estradinhas de terra sem sinalização.

Subíamos, descíamos, perguntávamos para os raros camponeses que víamos, mas nada. Estávamos completamente perdidos, torrados e imundos pelo sol e a poeira da estrada.

Olhava para o Ivan e via nele a minha semelhança. Uma cara não muito amistosa.

Mas quem sai na chuva é para se molhar, ou melhor, quem sai sem bússola é para se perder! Mesmo assim, não perdemos o humor que era o mais importante. Nessas horas é bom estar acompanhado de um bom amigo e o Ivan provou ser um grande companheiro.

Nossa sorte foi, após horas pedalando sem direção, encontrar uma caravana de charretes em procissão a Nossa Senhora de Aparecida. Viajavam da sua cidade para Aparecida do Norte em várias

charretes puxadas por cavalos, acompanhados por um caminhão de apoio. Pegamos uma carona até a estrada certa que nos levaria a São José.

Famintos e exaustos, chegamos finalmente na casa dos meus padrinhos Sambatti e Ana Maria, onde fomos muito bem recebidos.

Depois de um bom banho e um jantar farto, ainda nos levaram a um sítio de uns parentes. Lindo! Era uma ilha construída artificialmente, rodeada pelo Rio Paraíba e habitada por lindos pássaros e enormes capivaras.

Conversamos bastante com meus padrinhos e com Sabrina, a filha mais nova que a tempos eu não via e estava até casada.

No final da noite, de volta à casa, estudamos alguns mapas da região que o Sambatti nos emprestou e logo fui dormir. Sentia uma pequena dor no joelho direito, talvez, devido ao excesso de exercício nas estradas de terra.

Pedalamos cerca de 100Km nesse dia e o odômetro marcava 172Km desde Campinas.

Para se ter uma idéia do esforço, a velocidade média do dia foi de 17.3 Km/h, bem mais baixa que o normal no asfalto. Além disso, havia perdido um quilo do meu peso, medidos após o jantar.

Os cuidados com a alimentação e com o corpo eram fundamentais por isso caprichava nos alongamentos e pensava em tomar suplementos alimentares como cápsulas de vitamina C. Talvez fosse uma boa idéia, mas nunca cheguei a testar.

Polícia Rodoviária, a 500 metros!

Às 6 da manhã voltamos a pedalar, depois de um bom café da manhã com Sambatti.

Seu apoio e incentivo foram uma grande força para continuarmos tranquilos nosso caminho. A idéia era chegarmos naquele mesmo dia à casa de praia da tia do Ivan em Ubatuba, já no litoral.

Nossa maior preocupação era com a descida da serra. Achávamos que a Polícia Rodoviária não nos deixaria prosseguir pois pelo que me consta é proibido descê-la de bike. Na verdade, segundo a lei, é proibido trafegar em qualquer rodovia estadual ou federal de bicicleta, porém a prática é diferente.

Meu joelho parou de doer e pude voltar a pedalar bem. O Ivan, ao contrário sentia o cansaço, diminuindo o ritmo. Tive que esperá-lo muitas vezes pois perdia-o de vista.

Paramos para comer e beber água também, descansando o corpo com alongamentos e conversando com o pessoal local. Cada parada era um verdadeiro programa, aproveitado sem nenhuma pressa.

Não fomos parados por nenhum policial e pudemos descer a serra tranquilos.

Foram vinte minutos sem pedalar. Só descida, onde a velocidade chegou a quase 60 por hora em alguns trechos. Adrenalina pura!

O visual do mar no caminho é encantador e contrasta com o verde da Mata Atlântica.

Chegando em Caraguá, paramos para um lanche e um bom ronco na pracinha da cidade pois já estávamos no litoral e o sol esquentava mais ainda.

Aproveitei para telefonar para minha mãe pois era o seu aniversário e eu não pude prestigiar, mas soube que a casa estava cheia de amigos e parentes. Mandeí um beijo para todos e recebi votos de boa sorte, além é claro, de todos os cuidados e recomendações que as mães costumam dar. Com o sol mais baixo, pudemos continuar a pedalar. Passamos por muitas praias já na estrada Rio-Santos, onde o movimento era grande pois estávamos em plena temporada de turismo.

Pedalávamos bem pois o Ivan, aproveitando seus últimos momentos de viagem, resolveu puxar o ritmo, e desta vez quem ficou para trás fui eu.

Curioso foi quando ao longe, de um posto da polícia rodoviária, sai um guarda fazendo movimentos com os braços para encostar. Olhei para trás e não ví nenhum carro. Eram para nós.

- Boa tarde!

- Ôpa!

- Os senhores sabem que é proibido trafegar de bicicleta pela estrada?

- Não!

- Pois é!

- Mas nós passamos por vários guardas que não falaram nada e ...

- Querem que eu leia as leis prá vocês?

- Não, não precisa não, a gente só vai até...

- É bom que eu não os veja de novo na estrada!

- Não se preocupe seu guarda, vamos entrar nessa praia mesmo, logo ali na frente e não sairemos do acostamento...

- Boa tarde!

- Falou!

Andamos mais um pouco pelo acostamento que quase não existia de tantos buracos e logo depois da primeira curva voltamos para a estrada rindo e comemorando a escapada.

- Ufa! Essa foi por pouco!

- HUUURRÚÚÚ!!

Começávamos a ficar longe de casa e cada vez mais as coisas iam ficando excitantes. Um guarda no caminho, um mergulho no mar, um visual no fim de tarde e acima de tudo a surpresa que tivemos ao chegar na casa em Ubatuba.

Surpresa melhor impossível! Nada mais que quatro lindas garotas nos esperavam.

Minha primeira impressão - não sei se por tanto tempo pedalando - era de festa, de alegria e descontração. Na verdade a tal tia do Ivan (de sétimo grau por sinal, descobertos mais tarde) não estava na casa, mas a filha dela, Gui e suas amigas nos receberam muito bem.

Sendo assim, resolvi passar o outro dia também em Ubatuba para descansar e curtir as novas amizades.

A casa ficava na praia da Enseada, um pouco antes de chegar na cidade. De lá, podíamos caminhar para mais duas outras pequenas praias desertas e de águas verdes e calmas.

Conhecemos bem as meninas, todas agradáveis, simpáticas e ainda por cima, bonitas de fechar o comércio. A Gui foi a que mais me atraiu. Era morena, alta e magra e com um lindo sorriso. Charme de tirar o fôlego!

Passamos dois dias mergulhando, nadando e bundando no sol. Fomos até na cidade, jantar um x-salada e tomar o tradicional sorveteinho.

Na última noite, depois de umas cervejas, muita risada e um certo clima, a Gui veio dormir do meu lado. Eu até achei que ia rolar alguma coisa, mas da parte dela parece que havia algum problema. Acabamos só amigos.

Só eu, Santana e Deus

Devidamente descansado, após deixar o meu bom companheiro Ivan em melhor companhia, parti novamente só.

O tempo fechado da manhã indicava uma futura pedalada molhada, por isso embalei bem em sacos plásticos as coisas dentro dos alforjes.

Fui tomar café numa padaria em Ubatuba e aproveitei para encher um pouco mais no posto de gasolina, meu pneu traseiro, o qual eu remendei um pequeno furo ocorrido na chegada à praia da Enseada.

Por incrível que pareça este foi um dos dois únicos furos que tive nos pneus durante toda a viagem, e olha que ele era tão pequeno que eu nem havia percebido que tinha furado dois dias antes.

Incentivado pela guitarra do Santana que rolava no meu walkman e pela garoa refrescante que batia no meu rosto, rumava radiante ao estado do Rio de Janeiro, mais precisamente, Parati.

A Rio-Santos é uma das estradas mais lindas que conheço, cheia de curvas, rodeada de um lado pela imponente Serra do Mar que se estende do litoral norte do Paraná até o Rio de Janeiro, formando um paredão verde escuro de Mata Atlântica, pouco que ainda resta do que era a maioria da vegetação nativa daquela região. E do outro lado, o mar que brinca de esconde-esconde por entre os recortes, baías, praias e ilhas do litoral norte de São Paulo. Maravilhas da Natureza!

No meio do caminho existe uma cachoeira enorme, bem perto da estrada, uns 80 metros de altura e muita água, formando piscinas que se pode nadar e refrescar numa viagem longa. Foi um ótimo ponto de descanso, perfeito para um pic-nic de pipoca doce com coca-cola, além é claro de banhos e fotos.

Naquele mesmo dia, duas das garotas da casa da praia da Enseada passariam por aquela estrada voltando de Trindade, uma praia mais à frente, por isso fiquei ligado para ver se cruzava com elas. Mas no fim, cheguei em Parati sem encontrá-las.

Era uma e meia da tarde e resolvi ficar em uma pousada, já que consegui um desconto, aproveitando minha imagem de viajante solitário e talvez, meio “Forest Gump” para quem me via.

É bom explicar aqui, que as poucas roupas limpas eu guardo para depois do banho. A roupa que eu usava para pedalar era a mesma bermuda de lycra e a mesma camiseta. Até uma parada um pouco mais longa, onde pode-se lavar algumas roupas, usa-se sempre as que já estão sujas para pedalar. Daí você tem uma idéia do modelito “Forest Gump”, onde a camiseta anda sozinha.

Deixei *La Mula* com todas as tralhas na pousada, que como a maioria das construções na Cidade Histórica, era em estilo colonial, com o teto altíssimo, janelas e portas gigantes e sacadas ajardinadas dando para a rua.

Parati foi um dos portos mais importantes do período colonial português e de onde saía grande parte do ouro vindo das Minas Gerais com destino à Europa. Por isso, suas casas, Igrejas e prédios, ainda hoje muito bem conservados, reproduzem um ar de riquezas e prosperidade vividos naquela época. Além disso a cidade localiza-se numa região de rara beleza natural. Lindas cachoeiras, praias, ilhas e trilhas na mata, completam o cenário do extremo sul do litoral carioca.

Depois de dar um bom rolê pela Cidade Velha, fui numa padaria para comer, já que para almoçar num restaurante estava um pouco caro e eu tinha extrapolado meu orçamento na pousada que custaria dez reais com café da manhã. Neste caso a maneira mais simples que eu conheço de comer bem e barato é comprando queijo e pão e fazendo alguns “sandubás”.

Senti novamente a diferença de viajar sozinho e passei a curtir mais os visuais e as pedaladas, andando a uma velocidade média de 22Km/h. O odômetro do computador de bordo marcava 393Km desde Campinas.

À noite, dei mais uma volta na cidade e fui dormir cedo.

Manhã do dia 20 de dezembro, completavam dez dias que saíra de Sampa. Meu joelho não deu mais sinal de dor e já com uns 3 quilos a menos, não perdia o pique, sonhando com a chegada no Rio, onde passaria o Natal e a virada do Ano Novo. Na verdade seria em Niterói, cidade separada do Rio por uma grande ponte de 13Km e onde vivem meus avós e parentes da família do meu falecido pai, o meu ponto de parada.

Mas ainda teria muito chão até lá. Esperei até as 6:30h da manhã para aproveitar o café da pousada, que por sinal foi bem reforçado. Frutas, suco, pão, presunto, queijo e café com leite, um verdadeiro desjejum. Saí até meio lento, de barriga cheia.

O tempo estava ótimo e logo apareceu meu amigo Sol para dar à paisagem uma luz especial. As praias logo ganharam um branco que ofuscava nos olhos, enquanto a água tornava-se cada vez mais azul clara, quase transparente.

Passei por várias. Grandes, pequenas, calmas como piscinas ou bravas, cheias de ondas. Numa coisa eram todas iguais, totalmente desertas. Não se via absolutamente ninguém.

É incrível como nos sentimos pequenos em lugares assim, e ao mesmo tempo uma energia gigantesca toma conta do seu corpo e da sua mente. Você se sente leve e livre como um pássaro!

Naquele momento, descobre que faz parte de tudo aquilo e aquilo faz parte de você. Para mim, este tipo de experiência é como uma religião sem Igrejas, é onde me encontro com Deus.

Vale aqui dizer que um walkman nessas horas é de grande valia, quase tão importante como o som do seu carro. O Carlos Santana foi novamente o escolhido para a trilha sonora das imagens, que, como um filme em terceira dimensão, passavam através dos meus óculos. O ritmo da percussão e das guitarras entrava em sintonia com o das minhas pedaladas, contribuindo, e muito para o prazer que eu sentia.

Que país é esse?

Estava em estado de graça com toda aquela energia quando, depois de uma curva, tive um baque! Daquela magia da natureza, começo a entrar num trecho onde o Homem pois sua bendita mão, e como na maioria das vezes, para estragar o que já existia.

Fui passando por uma praia, onde construíram um verdadeiro condomínio de casas destinadas aos trabalhadores da usina atômica Angra I. Logo em seguida, avisto ao longe, as gigantescas construções de concreto, onde estão instalados os geradores e a usina em sí. Um tremendo desperdício! De tecnologia, de dinheiro, de tempo e o pior de tudo, de uma paisagem belíssima que antes havia ali, intocada. Praias inteiras interditadas, aterros, molhes de pedra para barrar o mar, prédios; tudo pelo progresso! O desenvolvimento da Nação. Que país é esse? Perguntava eu, lembrando Renato Russo.

A usina nunca funcionou realmente. Ficam só as perguntas: Para que tudo isso? Como o Homem pode ser tão estúpido?

Parei para almoçar em Angra dos Reis, cidade famosa por ser o atracado dos iates e veleiros mais famosos do Rio, e onde rola, no primeiro dia do ano, uma grande festa. Os barcos saem decorados das maneiras mais criativas possíveis, com seus tripulantes devidamente fantasiados, fazendo um verdadeiro carnaval no mar. Uma festa e tanto!

O Sol, antes amigo, agora judiava o corpo. Resolvi então parar para o almoço.

Encontrei um pequeno restaurante na entrada da cidade que servia um PF (prato feito), por R\$3,50. Comi, como sempre mais do que precisava e me arrependi um pouco mais tarde pois a digestão demorou um bocado.

Depois de Angra, que é uma cidade grande, o visual mudou um pouco. A água não é tão bonita, mas ainda encontrei várias prainhas desertas. Acabei parando numa delas para um mergulho e aproveitei a sombra de uma árvore para uma pequena “*siesta*”. Êta vidinha dura!

Estava adiantado e resolvi me adiantar mais ainda. Pedalaria o máximo que desse naquele dia já que estava bem, chegando o mais perto do Rio que pudesse. No outro dia chegaria ainda de manhã na Cidade Maravilhosa.

Exagerei! Foram 165Km pedalados num só dia! Meu recorde em toda a viagem, mas cheguei meio mole em Muriqui, município a apenas 85Km de distância da praia da Barra da Tijuca, já no Rio.

A cidadezinha turística de Muriqui possuía duas pousadas, uma desativada e a outra caríssima.

- Não esquentar, não!

Disse um dos jovens sentados em frente à padaria em que pedi informações.

- Se você quiser, pode dormir no apartamento do Seu Francisco!

- Seu Francisco?

- É, ele é meu patrão, dono da padaria aqui. O AP tá em reforma, mas se você não se importar com cheiro de tinta fresca?

O rapaz, Alísio que trabalhava na obra foi falar com o patrão que me deixou ficar. O lugar era realmente uma obra pela metade, mas tinha o canto que eu precisava para jogar meu saco de dormir, além de tomar um bom banho frio.

Mais tarde fui conhecer o Seu Francisco e acabei ficando amigo de todos na padaria, que me pediam detalhes da aventura.

Muito cansado, fui dormir cedo.

Final da primeira etapa

Acordei ainda à noite, tomei café na padaria, despedi do pessoal e voltei para a estrada amanhecendo o dia.

Passei por dois túneis, o que me deixava um pouco apreensivo. Quem sabe o que vai vir pelo outro lado? Lembrava logo dos desenhos do Pica-pau!

Itacurucá, Itaguaí, Santa Cruz, ufa! Faltava pouco.

Planejei entrar no Rio pelo Recreio dos Bandeirantes, pois evitaria a estrada principal bem como a Baixada Fluminense, locais pouco indicados para passear de bicicleta, ainda mais do jeito que *La Mula* estava pesada. Qualquer problema seria difícil fugir rápido.

Parei para pedir informação num posto de gasolina. Depois de explicar o caminho, a frentista que me atendeu pergunta:

- Você tá vindo de onde?

- São Paulo.

- São Paulo...?? Ué, não conheço esse bairro?

- É a cidade.

- O QUE!!!? Cê tá vindo da cidade de São Paulo de bicicleta!? Só pode ser louco!!

Saiu rindo e contando para todos do posto.

Às vezes as pessoas não acreditavam mesmo e perguntavam porque eu fazia aquilo.

- É alguma promessa?

- Tá fugindo da onde?

- Não, só tô viajando mesmo.

Antes de chegar no Recreio, tive que subir e descer uma pequena serra. Com o calor que fazia, não foi muito agradável descobrir aquilo, mas do outro lado, estava o fim da primeira etapa daquela longa e louca viagem.

Segui direto para a praia da Barra. Lá morava a família do meu amigo Gustavo, que também estudava na Unicamp e foi passar as férias com seus pais no Rio.

Ao entrar na ciclovia que beira a praia, o astral mudou. Minhas forças redobram, garotas de biquíni passando, corredores, patinadores, surfistas, mães com o filhinho e o cachorro, e todo aquele clima de cidade de praia. Fiquei tão distraído que nem percebi a calçada acabando e ... Buuum!! Tome tombo!! Fiquei lá, caído no chão e com os pés ainda presos na pedaleira. Que mico!!

Depois disso até fui embora da praia, procurar a casa do Gustavo. Conhecia bem o lugar de outras vezes em que estive lá, só não sabia se o encontraria em casa.

Tive sorte e fui bem recebido por toda a família.

Tinha chegado finalmente! Depois de 643Km longe de Campinas e 6 dias de pedalada, sem contar as paradas, chegava numa cidade onde tinha apoio. Onde podia colocar as coisas em ordem, descansar, fazer contatos, ver amigos e parentes e acima de tudo, não andar de bicicleta.

A essa altura, minha situação física estava um pouco abalada e principalmente a região do púbis sentia o efeito dos dias sentados no banco da *Mula*.

Viajando num outro ritmo

O Gustavo voa de asa-delta e naquela mesma tarde estava de saída para mais um vôo. Fui junto e logo após checar as condições de vento já estávamos na estradinha sinuosa que leva à Pedra da Gávea. Enquanto ele montava sua asa, eu delirava, apreciando o visual de cima da rampa de decolagem.

Assisti a sua decolagem e rapidamente desci com o carro para esperá-lo lá em baixo, na praia do Pepino.

O Vôo-livre é um esporte de grande aceitação no Rio devido às suas condições naturais. Grandes montanhas de pedra junto às praias proporcionando ventos apropriados para o desfrute dos voadores.

Ao chegar na praia ainda tive tempo de ver meu amigo pousando suavemente na areia. Um ótimo espetáculo!

Outra vez, meses antes, tive a oportunidade de saltar de asa-delta num vôo duplo com um amigo do Gustavo e foi uma das melhores emoções da minha vida. Estar ali, vendo tudo e todos de cima, grande parte da costa recortada da cidade, com o azul do mar a perder de vista e o verde da mata logo abaixo, é simplesmente inesquecível. Eu recomendo para quem quiser se aventurar. Na praia do Pepino existem dezenas de pilotos de vôo duplo, é só chegar e acertar o preço.

À noite, após o banho e um delicioso jantar na casa dos pais do Gustavo, saímos para encontrar Martinha e Cristina, irmãs e também boas amigas da Unicamp. Marcamos no Baixo Gávea, “point da night” da moçada no Rio e local de bons barzinhos.

Tomamos algumas cervejas, rimos e conversamos bastante. Conheci por coincidência o Serginho, um cara que ia fazer um mestrado com o mesmo professor que me orientou num trabalho de iniciação científica na época de graduação. Dei vários toques para ele, desde como morar na moradia dos estudantes (que é de graça) até dos bons amigos e “amigas” que ele faria por lá.

Talvez passássemos o Ano Novo juntos com as duas irmãs em Búzios. Porque não? Foi um convite!

Mais tarde capotei ao ver uma cama na casa do Gustavo.

Conhecia o Gustavo a uns três anos, desde que ele entrou na faculdade. Éramos bons amigos, de viajar muito juntos, surfar, pedalar e contar para o que der e vier.

Porém, nos últimos tempos que precediam esta viagem, estávamos mais distantes, em momentos de vida diferentes. Mesmo assim, ele disse que pedalaria junto comigo a partir do Rio para curtir suas férias numa aventura.

Eu topei, pensando que poderia ser uma boa oportunidade de voltarmos aos bons tempos.

No dia seguinte, acordamos na hora do almoço. Precisava ir para Niterói levar minhas coisas e ver meus avós.

Propus ao Gustavo que me levasse, pois era muita bagagem para carregar sozinho. Mala, prancha de surf e outras coisas que ele trouxe de carro de Campinas e eu deixaria em Niterói enquanto estivesse viajando. Além, é claro, da *Mula* que eu teria que levar.

Ele não quis me levar, alegando que era muito distante. Fiquei um pouco desapontado pois achava que se eu pagasse a gasolina não havia problema algum, já que ele não tinha nenhum compromisso naquela tarde. Acabei entendendo que realmente não podia contar com ele para certas coisas, mas tudo bem. Resolvi ir de ônibus mesmo, deixando para levar a bicicleta num outro dia.

Peguei dois ônibus, sendo que o segundo atravessou a ponte Rio-Niterói e me deixou perto da casa dos meus avós. Foram mais de três horas numa verdadeira sauna, mas no final da tarde, finalmente cheguei são e salvo.

Foram poucos os Natais da minha vida que não passei em Niterói. Quase todos os anos passávamos as festas de fim de ano na casa dos meus avós, juntos com meus tios e primos por parte de pai.

Desta vez porém, minha mãe e o André ficariam em Sampa e somente a Drica, minha irmã, me encontraria em Niterói.

A casa fica em Icaraí, perto da praia, que apesar de poluída possui um calçadão que fica lotado nos finais de tarde. Jovens, idosos, cachorros, futebol, vôlei, futi-vôlei, entre outras coisas rolam no calçadão de Icaraí. É o “point” do final de tarde, pelo menos no verão.

Os dias foram passando e a rotina da casa dos meus avós dava um outro ritmo à viagem.

Encontrei também meu tio Joãozinho, uma grande figura, ex-hippie e surfista da década de 60, hoje é um arquiteto respeitadíssimo no Rio. Seus projetos de casas são quase todos feitos em madeira, com “designs” muito loucos, porém belíssimos. Até hoje, Joãozinho não perdeu seu jeito especial de viver e encarar o mundo. Sem dúvida foi uma das pessoas que mais me deram força para realizar minha aventura e alguém em quem eu me espelho muito.

Durante meus dias em Niterói, estive descansando o corpo e lendo muito, exercitando a mente. É ótimo quando equilibramos as nossas necessidades físicas, mentais e sentimentais. Naquele momento eu sentia que devia passar um tempo por ali, somente lendo, indo à praia e curtindo minha família. E era exatamente o que eu fazia.

Li muitos livros, todos sobre aventureiros e viajantes. Entre eles, o segundo do “Amir Klink”, um do “Childress” sobre os mistérios da América do Sul, o do “Paulo Rollo” que viajou de carro e moto pelo mundo e finalmente o que eu mais gostei que foi “Aventuras no Mar” do “Hélio Setti Jr.”, um livro que fala não só das viagens dele mundo afora num veleiro, mas também (e foi o que mais me cativou) sobre seu aprendizado de vida, como viver viajando e se relacionar com as pessoas, com os lugares, com ele mesmo. Ele passa para o leitor exatamente sua maneira de encarar a vida, procurando sempre estar feliz. É uma filosofia muito interessante a dele.

Passei mais de vinte dias entre Rio e Niterói. No Natal fiquei em casa com minha irmã Drica e meus avós. No Reveilón fui ver os fogos em Copacabana.

A Drica e o Joãozinho foram as melhores companhias que eu poderia ter. Fomos em vários cinemas, passeamos de bicicleta pela cidade, viajamos para Búzios. No entanto, nosso melhor programa era ir para Itacoatiara, ou só Itaquá, para os íntimos, a melhor praia de Niterói e que também rola altas ondas para o surf.

A Drica voltou para Sampa alguns dias depois pois queria passar mais tempo com minha mãe antes de voltar para a Alemanha, onde mora. Valeu muito ter passado aquele tempo em Niterói.

Outro amigo que me ligou de Santos foi o Nori. Ele também me acompanharia até a Bahia, pedalando sua bike. Fui pegá-lo na rodoviária do Rio.

Eu já estava ansioso para partir, porém prestei muita atenção nos sinais (como no “Alquimista” do Paulo Coelho) que me indicavam o melhor caminho a seguir naquele momento. Isto é uma das coisas mais importantes que eu acho não só numa viagem, mas também na vida. Ouvir os recados do Universo à sua volta e a voz que vem de dentro de você.

Na noite antes de partir, o Gustavo me ligou do Rio dizendo que também estava pronto e levaria mais dois amigos: Augusto e Ricardinho.

Com isto, estávamos em cinco; eu, Gustavo, Nori, Augusto e Ricardinho. Seria uma viagem diferente daquela até ali e com certeza teria muitos com quem dividir as emoções.

Com o pé na estrada novamente

Dia 10 de Janeiro de 96, a um mês que estava longe de casa. Saudades? Não, ainda não, mas sim uma imensa vontade de seguir para muito, muito mais longe.

O Joãozinho, meu grande tio, veio nos acordar. Eu, ele e Nori agitamos os últimos detalhes, tomamos café e esperamos pelo Gustavo e seus amigos que apareceram 15 minutos depois.

Fomos os seis e as cinco bikes na Saveiro do Joãozinho. Ele nos deu uma carona até a praia de Itaipú-açu, de onde começaríamos a pedalar rumo a Ponta Negra, mais ao Norte do Estado.

Despedidas feitas, fotos para registrar o momento e a promessa de ligar sempre que desse.

- Valeu meu tio! Brigadão pela força!

- Boa sorte rapaziada!

E descemos a estradinha quase vertical que levava à praia:

- Uuuhhhhúúúú!!!

Já lá em baixo, pedalávamos sempre junto à orla e às vezes ficava difícil não atolar na areia que invadia a estrada de chão.

É uma região muito árida e cheia de dunas de areia. Às vezes apareciam lagoas e charcos, provavelmente formados pelas últimas chuvas.

Em Ponta Negra, paramos para uma ducha numa cabana na praia e com o calor que fazia, veio muito a calhar.

Continuamos ainda rumo ao Norte e chegamos em Saquarema na hora do almoço. Comemos num P.F. e “bodiamos” na praia até o final de tarde.

Resolvemos adiantar, e às 5:30h, com o sol bem mais baixo, voltamos para a estrada, chegando em Bacaxá já de noite.

Procurando onde ficar, encontramos um estádio de futebol do clube local: Esporte Clube Barreira. Depois de trocar uma idéia com o responsável pelo lugar, conseguimos um chuveiro para tomar banho e uma área, abaixo das arquibancadas, para esticar os sacos de dormir, comer alguma coisa (tipo pic-nic) e cair no sono.

Foi um ótimo dia, de pedaladas e lindas paisagens, acompanhado dos quatro amigos.

De manhã, tomamos café numa padaria e seguimos em comboio, já por asfalto, para Araruama, cidade banhada por uma imensa lagoa de água salobra.

Paramos para um mergulho e seguimos com uma média de 20Km/h.

Em Barra de São João almoçamos e curtimos mais uma praia, só para não perder o costume.

Geralmente fazíamos assim, pedalávamos de manhã e nos finais de tarde, deixando a hora do sol quente para almoçar e descansar na praia.

Nesta tarde chegamos até Rio das Ostras, onde acampamos ao lado da Secretaria de Turismo da cidade.

À noite saímos para comer, demos uma volta e fomos dormir.

Acordamos às 5:00h da manhã, mas enrolamos muito ao desfazer as barracas e tomar café na padaria, começando a pedalar somente às seis e meia.

Estávamos novamente numa estrada grande e movimentada (RJ106), e chegaríamos numa ainda maior, a BR101. Fomos obrigados a seguir um pouco mais para o interior do estado, pois aquela parte do litoral é uma região de mananciais e charcos e não possui mais estradas. Seria um trecho curto numa das mais perigosas rodovias do país, e isto me deixava um pouco apreensivo.

O destino daquele dia era Campos, uma das maiores cidades do estado do Rio de Janeiro e passagem certa para quem vai para o Nordeste pela costa.

O tempo estava limpo, porém o vento contra, que é o grande terror dos ciclistas, insistia em soprar desde a manhã, e na hora do almoço já estava fortíssimo. Para se ter uma idéia, nossa velocidade máxima era 15Km/h.

Além disso, o Augusto sentia muita dor num dos joelhos e não conseguia seguir o ritmo do pessoal, desta forma fizemos um revezamento. Cada um de nós quatro, rebocava o Augusto por uns minutos. Empurrávamos suas costas com uma das mãos, enquanto pedalávamos em dobro ao seu lado. Foram quase 40Km neste ritmo.

Faltando 75Km para chegarmos em Campos, paramos para almoçar num posto e o Augusto conseguiu uma carona para ele e sua bicicleta. Nos encontraríamos à noite na cidade.

Dormimos um pouco no posto e continuamos, os quatro, rumo a Campos no final de tarde. Chegamos juntos com o pôr-do-sol na rodoviária que fica fora da cidade, onde encontramos o Augusto.

Jantamos e pedimos a um guarda para dormir ali, mas infelizmente era proibido. Andamos mais um pouco e encontramos um posto onde pedimos a um caminhoneiro para dormir na caçamba do caminhão. O local não era muito bem frequentado e tínhamos medo de deixar as bikes soltas, por isso elas foram prá caçamba junto conosco.

Até aquele momento, sentia um imenso prazer de estar com meus amigos, apesar de às vezes querer ficar mais na minha. Viajar de bike é diferente pois a intensidade dos acontecimentos é maior e as relações ficam mais intensas também. Desta forma, ou você viaja com pessoas desencanadas que “tão na chuva prá se molhar”, ou terá problemas. Volta e meia temos que aceitar coisas que não queremos, para o bem de todos também.

Com o Nori e o Ricardinho tava tudo tranqüilo, mas com o Gustavo, sentia uma energia competitiva demais. Éramos dois caras com características de liderança, só que não sintonizávamos na mesma estação.

Mesmo assim, não discutíamos ou brigávamos.

O tempo continuava bom, sem sinal de chuva.

O ritmo era puxado. Nos finais de tarde, antes de dormir, as horas de exercícios pesavam nas nossas costas, braços e pernas. Dormíamos como cadáveres, dentro das barracas, mudando de posição somente ao acordar. Todas as manhãs, antes de começar a pedalar, sentíamos os músculos pedirem um alongamento bem feito.

Durante os dias, entre uma paisagem e outra, minha cabeça viajava mais longe. Pensava na minha vida, no meu futuro. Onde dormiria a próxima noite? Quem encontraria pelo caminho?

De certa forma, aquilo me deixava apreensivo. Tinha que curtir o momento sem expectativas. Era difícil, mas me policiava neste sentido.

Aprendi que quanto mais expectativas a gente faz sobre a vida, menos tempo temos para curtir o presente, pois estaremos tentando trazer o futuro para o presente. Nada melhor do que seguir o caminho “sentindo”, e não só olhando a “paisagem da vida”. Desta forma tudo sempre será uma surpresa.

Acordamos com as estrelas ainda no céu, e por falar nele, ia ficando mais bonito a cada noite. Da caçamba do caminhão, deitado ainda sobre o saco de dormir, tinha uma visão tão linda que parecia continuar sonhando. A claridade do nascer do sol a leste e a escuridão da noite recheada de estrelas a oeste, destacavam mais a lua minguante, que continuava sorrindo para nós.

Pena que o Augusto não continuaria conosco. Naquele dia ele voltava para casa. Não pôde continuar pois seu joelho doía muito. Pegou um ônibus de volta pro Rio logo após o café.

Em quatro agora, pedalávamos de volta para o litoral por uma estradinha que saía à direita da BR rumo a Guaxitiba. O caminho era lindo e lembrava o interior de Minas, com suas fazendas e sítios.

Guaxitiba é uma cidade pequena, quase um balneário. Paramos na areia da praia, embaixo de uns coqueiros. Lá almoçamos num P.F. e dormimos na hora do sol forte, partindo depois das quatro da tarde.

De Guaxitiba, tomamos o sentido Norte novamente, sempre junto à praia. O visual mudou um pouco, agora víamos o mar à direita enquanto à esquerda, continuávamos lembrando de Minas. Era como se o mar chegasse lá. A estrada de chão às vezes virava areia e os cavalos das fazendas podiam tomar banho de água salgada.

Em Itabapoana, divisa com o Estado do Espírito Santo, dormimos pela primeira vez numa cama de verdade. Ficamos de graça na pousada de uma senhora, após comer um dos melhores P.Fs da viagem por apenas R\$3,00.

O odômetro do computador de bordo registrava 1.097Km desde Campinas, mas percebi, durante os dias anteriores, que havia um pequeno erro na regulagem do aparelho, que marcava alguns quilômetros a mais. Tive que zerá-lo para ajustar de acordo com a numeração do aro da minha bike (26x1.75).

Havia alcançado uma quilometragem bem mais alta que a da viagem para Ouro Preto. Os novos desafios começavam a tomar tamanhos maiores e isto trazia grande estímulo a todos. Estávamos prestes a entrar no Estado do Espírito Santo.

No dia seguinte, cruzamos a divisa de Estados e pedalamos 38Km em estrada de terra, num trecho de muitas falésias junto às praias. Num determinado momento, após uma descida, a estrada acabou. Não virou uma trilha ou algo do gênero, mas repentinamente sumiu. Só havia uma grande cratera de uns 20 metros e a continuação da estrada do outro lado.

Tivemos que descer até a praia carregando as bicicletas por uns 100 metros e subir para a estrada novamente. Daí para frente, enfrentamos subidas quase verticais que acompanhavam as falésias até chegarmos na primeira cidade do Espírito Santo; Marataíses.

É uma cidade tipicamente turística e grande, com muitas pessoas circulando pelo calçadão junto às praias. Barracas de cerveja e refrescos, tendas hippies, trânsito de automóveis, além de restaurantes de frutos do mar.

Foi num destes que paramos para comer. Almoço por quilo! Nunca vi pratos tão grandes. O Gustavo e o Nori, se superaram. Fizeram pequenas montanhas de comida que os escondiam do outro lado da mesa.

Depois deste rango só nos restava encontrar um bom lugar para uma soneca.

Local estratégico, uma pracinha cheia de árvores foi perfeita para as intenções dos quatro seres imundos que logo tomaram seus devidos postos. O meu foi numa rede deixada pelo Augusto, que foi de grande utilidade e praticidade devido ao seu peso de apenas algumas gramas. Era amarrar entre duas árvores e partir pro abraço! Sonhos garantidos!

Neste dia, já no final de tarde, passamos por Piúma, outra cidade turística, onde rolava solto um carnaval de rua com direito até a Trio Elétrico.

Foi lá também que ao pararmos numa quitanda, ganhamos muitas frutas. Mangas, bananas, laranjas, maçãs, entre outras. Que belo incentivo!

Três quilômetros depois, estávamos em Iriri, cidade onde o Ricardinho tinha um contato, dono de um hotel.

Não ficamos no tal hotel, mas conseguimos uma casa em reforma onde os funcionários faziam suas refeições e pudemos esticar os sacos de dormir, além de tomarmos banho.

Manhã de sol, pouco vento. Nosso destino: Vila Velha, cidade junta à capital Vitória, dividida somente por uma ponte. Lá, nos esperavam Paulinho, outro tio (irmão do Joãozinho e do meu pai) e sua família. Já estivera na sua casa outras vezes, mas nunca vindo de bike.

A estrada até Vila Velha é uma beleza, praias e mais praias e uma cidade grande e famosa: Guarapari. Por lá, apenas passamos, mas encontramos num posto de gasolina, um rapaz crente que fora dali até Maceió pedalando, para participar de um encontro de sua Igreja. Isto é que é fé!

Setiba, Ponta da Fruta, Barra do Jucú, entre outras. Foram várias praias até Vila Velha, uma mais linda que a outra. Lembrava dos tempos em que estive por aquelas bandas, surfando com meu primo Aléx.

Ao chegarmos na casa do Paulinho, fomos muito bem recebidos. Sua esposa Mariá serviu lanche e almoço enquanto a conversa rolava solta.

À noite saímos para uma volta pela Praia da Costa, mas a média de idade da moçada era meio baixa, parecendo que estávamos de volta ao Ginásio. Tudo bem, valeu pelas risadas.

De volta à casa, montamos redes na varanda e capotamos até o outro dia.

Acordamos tarde, aproveitando que estávamos bem acolhidos, para descansar do ritmo da viagem.

Fomos curtir uma praia, enquanto o Nori levava um aro da sua bike para o conserto (havia empenado durante o dia anterior).

Almoçamos com o Aléx e o Paulinho e decidimos partir para Jacaraípe (mais ao Norte), naquela mesma tarde.

Despedimos de todos, batemos fotos e voltamos para a estrada. Ao chegarmos na ponte para Vitória, constatamos que era proibido atravessá-la de bicicleta, por isso pedimos uma carona. Logo parou uma camionete que além de nos levar com bikes e tudo, ainda nos deixou na saída da cidade.

- Valeu hein!

- Que isso, boa sorte!

Passamos direto por Jacaraípe, pedalando até Nova Almeida, onde conseguimos acampar num camping sem pagar nada, graças a nossa treinada lábia.

À noite, como não poderia deixar de ser, fomos ver as mineirinhas que invadem aquela região todos os verões. E valeu a pena, parecia que estávamos em Belo Horizonte. Muita mulher bonita!

Acordamos às 6:30h, baquiados pela noitada passada. Pedalamos a manhã toda por lindas praias na região de Santa Cruz e Coqueiral, cidades coloniais. O visual já lembrava o Nordeste, com muitos coqueiros beirando as praias.

Seguindo mais ao interior, passamos por uma estrada cercada de eucaliptos plantados para a produção de celulose de uma das fábricas locais. O que me impressionou foi a quantidade de terras que essas empresas têm no litoral do Espírito Santo. São centenas, ou talvez milhares de quilômetros quadrados de eucaliptos plantados. A estrada nos levava novamente à BR101.

Almoçamos num posto de gasolina, dormimos numa sombra e só voltamos a pedalar às 3:30h da tarde. Até Linhares eram mais 25Km e depois mais 22 até Córrego D'água, onde jantamos e acampamos num outro posto de gasolina.

A essa altura do litoral brasileiro, a comida (P.F.) vai ficando cada vez mais barata, enquanto o tamanho do prato e a quantidade de comida aumenta desproporcionalmente. Passamos a dividir em dois. Meio P.F. no almoço e meio no jantar. É claro que o Nori e o Gustavo, apelidados de “Troglôs”(de Trogloditas), comiam um inteiro no almoço e outro no jantar, sem contar os lanchinhos fora de hora.

Atenção...! Gravando!

De Córrego D'água, na manhã seguinte, pedalamos até São Mateus. Foi nessa cidade que conhecemos a “fama”, ou quase. A estória é a seguinte:

Durante o caminho até esta cidade um pneu do Gustavo furou, o aro do Nori voltou a empenar e para terminar o Ricardinho passou mal, de febre, e quase desmaiou em cima da sua bike. Resolvemos então, parar um pouco em São Mateus. Enquanto o Nori e o Gustavo ficaram numa bicicletaria, consertando suas respectivas bikes, eu fui com o Ricardinho num posto de saúde para diagnosticar sua febre. Na volta, avistei um carro com um dizer escrito na porta: TV SÃO MATEUS.

Na mesma hora seguí o tal carro e quando ele parou no semáforo eu o abordei:

- O senhor é da TV da cidade?

- Sou.

- Sabe o que é! Nós estamos pedalando desde São Paulo e blá, blá, blá,...! Até que consegui uma entrevista conosco, para o jornal esportivo da noite.

Voltamos na bicicletaria e eu convenci o dono do negócio a fazer o serviço das bicicletas sem cobrar nada. Em troca, divulgaríamos sua loja como patrocinadora do nosso projeto.

Não deu outra, e mais tarde já estávamos sendo entrevistados na televisão de São Mateus.

O único furo foi que na hora de falar do nosso patrocinador, o Nori se esqueceu do nome da bicicletaria e falou tudo errado. Não ficamos até à noite para ver como saiu a entrevista e nem se o nosso patrocinador ficou satisfeito, mas valeu para provar que minha lábria era realmente infalível!

Após a entrevista ainda pedalamos mais 28Km por estrada de terra até Conceição da Barra, novamente no litoral.

Lá, fomos bem recebidos e logo fizemos amizade com Marcelo, dono de um restaurante que nos convidou para dormir na sua casa.

Ele também pedalava e já tinha ido dali até Porto Seguro acompanhado do seu irmão. Conhecia todas as trilhas de bike pela região.

Sua casa era espaçosa e bem decorada.

Depois de muitas histórias contadas por Marcelo que mais parecia um adolescente excitado com a nossa aventura, dormimos na sala, em colchões macios.

De manhã, tomamos café com Marcelo e sua mãe. Ele fez um pequeno mapa da trilha que deveríamos seguir até Itaúnas, cortando um bom trecho da estrada principal. Além disso, nos presenteou com um mapa de todo o litoral brasileiro, superdetalhado, feito de fotos de satélite. Presentão!

Atracados

Foi muito estranho, mas não me esqueço mais deste dia. Talvez o que me traz até hoje as piores lembranças.

O que rolou foi o seguinte: Saímos tarde da casa do Marcelo com o mapa que nos levaria a Itaúnas. Como já disse, o tal mapa fora desenhado à mão e nos indicava uma trilha que além de cortar um bom caminho da estrada original, também possuía um visual lindo.

Realmente era lindo, mas nos perdemos num trecho de eucaliptos, por onde saíam várias trilhas não especificadas no mapa.

Desta forma, ficamos andando em círculos, perdidos dentro da floresta por cerca de três horas.

Voltamos ao último local indicado no mapa, depois de muita discussão e tentativas frustradas de se chegar a Itaúnas.

Eu dava uma opinião sobre o caminho, o Gustavo dava outra contrária e os dois outros se omitiam. Com isso fomos ficando nervosos até que perdemos a paciência um com o outro e a discussão virou bate-boca.

Já exaustos e com fome, perdemos o controle e o Gustavo, mais explosivo que eu, partiu para a violência. Me protegi, tentando esquivar dos seus socos e só entendi o que se passou depois que o Nori e o Ricardinho o seguraram no chão. Ele estava transformado de tanta raiva.

Também estava nervoso e perplexo com meu amigo, mas apesar de querer revidar sua violência, minha reação foi ir embora. Despedi dos dois outros, e só disse para o Gustavo que ele estava louco e que dali para frente eu continuaria minha viagem sozinho.

Peguei *La Mula* e saí de lá rapidamente, tomando uma trilha junto ao rio. Quinze minutos depois eu chegava, ainda abalado com o ocorrido, na cidade de Itaúnas.

No fundo, eu sabia que viajar junto com o Gustavo não daria certo por muito tempo, mas nunca pensei que nos atracariamos e perderíamos a nossa amizade de tanto tempo desta forma tão idiota.

Foi muito triste!

Fiquei meio baixo astral, mas tratei logo de arrumar um lugar para ficar em Itaúnas.

Montei minha barraca atrás da casa de um nativo chamado Odair, dono de um restaurante onde comi durante o tempo em que estive lá.

Itaúnas é famosa por suas dunas de areia que cobriram a antiga vila. Seus moradores tiveram que mudar para um lugar onde a areia não chegava. Em poucos anos, as casas da antiga Itaúnas

desapareceram sob a areia. Até a Igreja foi soterrada pelas dunas, sobrando algumas partes dos seus muros que ainda podem ser vistas.

Além disto, a vila é conhecida por ser a "terra do Forró". Todas as noites nativos e turistas se misturam, mexendo o esqueleto no "rastapé" que invade a madrugada até o sol nascer.

Conheci também o Projeto Tamar que tem uma estação de proteção das tartarugas marinhas neste local. A sede é muito bem montada com exposições, palestras, vídeos e fotos de todo o trabalho. A maior parte é em prol destes répteis, que estiveram em vias de extinção antes da criação do Projeto Tamar.

Tive ainda a oportunidade de assistir à retirada dos filhotes de tartarugas que permaneciam nos ninhos e precisavam de uma ajuda dos voluntários do Projeto para correr em direção ao mar. Foi muito interessante e divertido!

Fiquei três dias em Itaúnas, tirei muitas fotos e sem dúvida voltarei numa outra oportunidade.

Encontrei com meus três ex-companheiros algumas vezes, mas com o Gustavo, preferi não dirigir a palavra.

O Nori resolveu continuar a viagem junto comigo, enquanto o Ricardinho veio se despedir, dizendo para esquecer a briga com o Gustavo, que ele perdeu o controle, etc, etc.

- Esquecer, tá meio difícil. Mas não esquentar não Ricardinho, vou é sentir falta da tua companhia!!

- Até mais Vitinho! Boa viagem prá vocês também!

E lá foram os dois - afinal, o Gustavo que o convidou - pedalando suas "magrelas", um dia antes de nós.

Preferi estar só enquanto estive em Itaúnas e isto foi muito bom, mas é claro que fiquei feliz do Nori seguir comigo para a Bahia.

Já estávamos bem próximos da divisa de estados e o clima das pessoas, muito amáveis e receptivas, indicava o mesmo.

Bahia, uma terra sem igual!

Trigésimo oitavo dia de viagem. Começava ali mais uma etapa da jornada que eu me propus a fazer.

Acompanhado agora somente do Nori, saímos do estado do Espírito Santo, passando por uma bonita praia chamada "Riacho Doce". Esta parte do litoral brasileiro é privilegiada pela beleza das praias de areias brancas. Piscinas naturais cercadas de corais e a água de um azul marinho intenso.

É claro que paramos para um fresquinho em Riacho Doce. Não é por acaso que a praia tem esse nome, pois se pode entrar de corpo inteiro no tal riacho.

De lá, voltamos para a estrada de terra por alguns quilômetros para em seguida pedalarmos por outra praia, onde com a maré baixa, a areia parecia asfalto de tão dura. Foram mais de oitenta quilômetros à beira mar, literalmente.

Neste dia me dei conta da liberdade com que me encontrava. Olhava para frente e era só areia a perder de vista, sem nenhuma pegada sequer. Olhava para traz e via as marcas dos pneus das bikes como linhas infinitas, traçando nossa história no mundo. Que sensação maravilhosa de liberdade total!!

Era esse o espírito da viagem, era assim que eu queria me sentir sempre.

Fomos pela praia até chegar em Mucuri, a primeira cidade baiana.

Só que pintou um pequeno problema! Teríamos que atravessar a barra de um rio para termos acesso à cidade.

Sem chances de levar as bikes na cabeça pela profundidade do rio, o jeito foi enfrentar a correnteza nadando e pedir a um pescador local que estava do outro lado, uma carona na sua canoa.

O Nori, que é um exímio nadador, se prontificou à façanha enquanto eu esperei com as bicicletas.

Resolvido o problema, almoçamos, consertamos mais um pneu furado do Nori e em seguida partimos rumo à Nova Viçosa por uma estrada de terra péssima, cheia de buracos.

Nova Viçosa é uma cidade banhada por um outro rio, onde o viajante tem duas opções; ou voltar para a BR e dar uma grande volta longe da costa, ou pegar um barco para Caravelas, seguindo o rio e pousando 90Km, mais um dia de viagem.

Resolvemos ir pela alternativa dois e esperamos em Nova Viçosa pelo tal barco que sairia naquela mesma madrugada, chegando em Caravelas na manhã seguinte.

Pagamos 14 reais pelas duas passagens com as bikes e partimos às três da manhã, dormindo o resto da noite no convés.

A intensidade dos acontecimentos dos últimos dias me fazia sentir como num sonho, onde não se pode assimilar tudo o que se vive, mas ao mesmo tempo se está aberto totalmente para o que o destino mandar. Vivia mil coisas, conhecia mil pessoas num só dia e cada uma delas podia mudar totalmente o meu futuro. É incrível, mas é assim!

A Bahia é um Estado sem igual!!

Pelas trilhas de Cabral

Uma coisa que me encanta em viajar de bicicleta é a solidariedade das pessoas que você encontra pelas cidades e estradas por onde passa. Muitas vezes éramos presenteados com frutas, água gelada ou ainda convidados para comer ou dormir na casa de alguém.

Parece que elas se identificam de alguma maneira com você por estar realizando uma aventura, saindo da rotina com toda a liberdade e encarando o desconhecido. Existe uma cumplicidade em poder ajudar de alguma forma, nem que da maneira mais simples.

Para nós, qualquer ajuda era bem vinda pois nos dava mais força para prosseguir, além de conhecermos mais gente boa. Tenho uma teoria que todas as pessoas têm um lado bom, é só uma questão de estar aberto para conhecê-las com humildade e educação. No Brasil, em especial, as pessoas são super solidárias!

Chegamos em Caravelas com o nascer do sol, como o previsto. Tomamos café numa padaria e demos uma volta pela vila, ainda adormecida. É um lugarejo pequeno com sua Igreja, sua pracinha e o Porto, por onde chegamos. É de lá que saem as excursões para o arquipélago de Abrolhos, famoso paraíso ecológico marinho, protegido pelo governo.

Não fomos visitá-lo pois as excursões custavam caro, mas dizem, ser um local perfeito para a prática do mergulho. Milhares de espécies de peixes, crustáceos, corais coloridos e todas as maravilhas do fundo do mar.

Seguímos nosso caminho na direção Norte, pedalando por um asfalto novinho em folha. A estrada passa também pela praia de Alcobaça e segue até Prado.

Em Prado, já tínhamos destino certo. A casa de Fábio, irmão do Marcelo, nosso amigo de Conceição da Barra.

Procuramos por ele no seu "Negócio", uma cabana de sapé na beira da praia. Cabana porque é o nome dado para este tipo de construção, mas na verdade era um verdadeiro restaurante, com dois andares e toda a estrutura em madeira maciça.

Fábio, tal como seu irmão, é gente finíssima. Nos fez almoçar, tomar água-de-coco, tudo "free". Depois ainda nos alojou na sua casa.

À noite, saímos para tomar umas cervejas e conversamos muito sobre viagens passadas. Grande figura!

Neste dia, mandei cartões postais para a galera de Campinas e em especial para a Carol. Estava ficando longe de casa!!

Seguíamos as trilhas por onde Cabral, nosso descobridor, pode ter passado a 500 anos atrás, rumo ao Monte Pascoal. E era para lá que estávamos indo.

Para isso, teríamos que voltar para a BR, saindo um pouco da costa. Pelo nosso mapa de fotos de satélite, seria a melhor opção a seguir.

Tentávamos chegar em Trancoso naquele mesmo dia, percorrendo uma longa quilometragem.

A estrada até Itamarajú era linda, um asfalto novo que cortava a imensidão dos pastos das fazendas de gado. Estes latifúndios pertencem às mesmas famílias a centenas de anos. É muita terra improdutiva nas mãos de uns poucos.

Em Itamarajú ganhamos de um feirante, metade de uma melancia das grandes. Com o calor que fazia, aquilo era um "néctar dos deuses". Devoramos em poucos minutos!

O Parque Nacional de Monte Pascoal fica a alguns quilômetros de Itamarajú seguindo pela BR. Lá ainda vivem índios Pataxós, vendendo artesanatos e frutas da região para os turistas.

Dizem alguns, que o Monte Pascoal foi descoberto numa das viagens das caravelas de Cabral pela costa, à procura de Pau-brasil. Foi visto à uma longa distância da terra devido à sua altura elevada, bem no dia de Páscoa. Por isso foi dado esse nome a ele.

Paramos para almoçar no vilarejo de Monte Pascoal, um pouco mais à frente, mas não havia restaurante. Fomos obrigados a nos "virar" com pão e mortadela comprados no pequeno armazém do local.

Nem sempre podíamos comer o que queríamos, mas sim o que havia em cada lugar por onde passávamos. Conhecemos comidas e frutas novas como as deliciosas seriguelas ou o famoso bejú de tapioca.

A partir dessa vila, entramos numa estrada de terra que cortava um bom caminho até Trancoso. Porém, o pneu da bike do Nori resolveu se revoltar contra o seu dono e furou três vezes na mesma tarde. Na última vez, já quase noite, encontramos um sítio e resolvemos pedir para dormir.

Era um sítio de extração de látex, onde vivia uma família. O casal Paulo e Vera com duas crianças.

A princípio nos receberam meio desconfiados pois realmente não devem aparecer muitos viajantes por aquelas bandas. Ainda mais vindo de bicicleta e pedindo para acampar no seu terreno.

Depois de explicarmos quem éramos e o que queríamos de maneira humilde e educada, a reação melhorou e pudemos ficar. Acampamos no meio das seringueiras, tomamos banho de poço e ainda fomos convidados para jantar.

Vera preparou uma galinha caipira e logo nos chamaram para comer. Curioso foi, que serviram somente nós dois e ficaram esperando comermos, somente olhando.

Entendi logo que a comida devia ser pouca para todos e que eles nos ofereciam tudo o que tinham. Comemos pouco para que sobrasse o suficiente para a família e agradecemos muito.

Após o jantar fomos para a pequena sala ao lado, onde Paulo, amante da música, colocava no "tape" as poucas fitas que tinha. Ouvimos música e conversamos bastante sobre a viagem e sobre a vida.

Antes de dormir dei-lhe minha fita do Ziggy Marley como um presente de agradecimento pela sua hospitalidade.

Na manhã seguinte Paulo nos acordou cedo pois prometera nos mostrar como tirar o látex das seringueiras. Nos explicou detalhadamente todo o processo de extração e produção da borracha e nos convidou para um café com pão caseiro saído do forno. Delicioso!!

Remendamos mais algumas vezes o pneu do Nori depois de descobrir que a câmara reserva que eu trouxera para este tipo de situação era de tamanho errado e não servia para o aro 26.

Tudo bem, despedimos dos nossos amigos e pé na estrada, ou melhor, no pedal.

Procurávamos por uma usina de açúcar que era o caminho certo, segundo Paulo. Para variar, nos perdemos sem placas de sinalização e fomos pedindo informação para os poucos habitantes que cruzávamos.

- Por favor, senhor! Sabe onde é a usina de açúcar?
- Sei não sinhô!
- E a estrada prá Trancoso?

- Sei não sinhô!
- Você sabe onde vai dar esta estrada que nós tamos?
- Sei não sinhô!
- Então tá, brigado hein!
- Sim sinhô!

Era incrível, mas ninguém sabia nada. Nem sinal da usina.

Erramos várias vezes nas encruzilhadas e andamos uns cinco quilômetros a mais. *No problem*, o caminho era lindo!

Fazendas de gado e plantações de mamão dando para a estrada formavam o cenário. Estavam maduros e comemos bastante, levando ainda dois "para viagem".

Pequenos rios e lagos eram paradas obrigatórias para um mergulho refrescante. Até que encontramos a tal usina e o rumo certo para Trancoso.

A estrada até melhorou, de areia fofa para terra fofa, proporcionando um ritmo de pedaladas melhor.

Trancoso é paz e amor!

A câmara do pneu do meu companheiro infelizmente estava nas últimas e furou pela última vez na subida de terra que leva à vila de Trancoso.

A pé, empurrando as bikes, avistamos o campo de futebol cercado de casas, pequenos restaurantes caseiros e lojinhas de artesanato que conservam o estilo da arquitetura colonial e o clima simples do lugar.

Trancoso é especial, meio mágico. Refúgio de alguns dos últimos hippies que não viraram yupies. Deve ser um bom local prá se viver uns tempos!

Almoçamos num PF simples e trocamos numa bicicletaria, minha câmara reserva aro 20" por uma 26" para a bike do Nori.

A digestão é claro, foi feita na praia, bem abaixo da cidade. Tem-se que descer uma falésia para se chegar no mar, que por sinal é de um azul estonteante.

Conhecemos um grupo de paulistas que foram caminhando pelas praias desde Comuruxatiba, bem mais ao sul, até ali. Pretendiam seguir ainda naqueles dias, até Porto Seguro.

Nos identificamos logo pois também viram nossas bicicletas carregadas e o papo sobre as aventuras rolou solto.

De repente apareceu um cara que ouviu o papo e também chegou para conversar. Ele se chamava Célio e era editor de fotografia do jornal "Estado de São Paulo". Desenhou mapas da Amazônia e da Venezuela quando soube dos meus planos de subir até o Caribe, pois já havia estado lá.

Além disso, Célio se mostrou interessado em divulgar e talvez conseguir algum apoio do seu jornal em troca de matérias que eu pudesse mandar para São Paulo.

Fiquei super animado com a conversa e marquei seu telefone, prometendo entrar em contato depois do Carnaval.

Foi um ótimo incentivo para continuar com força total a minha viagem, já que nos últimos dias cheguei até a pensar em desistir. É uma coisa interessante o poder que a sua mente tem, de te trair. Talvez seja ela mesma, sua maior inimiga.

Você vem pensando, pensando, cria ilusões e acaba desistindo das coisas por nada. Graças a Deus pintou esta estória do Célio, como um sinal dizendo para continuar!

Resolvemos cozinhar para a noite um rango comunitário, juntamente com os paulistas que possuíam um fogareiro a gás. O cardápio era camarão com arroz e foi nossa missão comprar o camarão enquanto os outros procuravam um camping para ficar.

No meio da rua, nos aborda um maluco cabeludo perguntando de onde vínhamos com aquelas bikes. Quando dissemos, ele nem acreditou. Ficou empolgadíssimo dizendo que também pedalava e blá, blá, blá..., até que convidou para cozinarmos na sua casa.

"Siri", como todos lhe chamavam, morava numa linda casa com sua mulher e filha. Nos contou que era de Ilhéus e uma vez pedalou com uma turma de lá até Trancoso.

O melhor é que ele era um grande conhecedor e mecânico de bicicletas e possuía uma oficina em sua casa. Resultado; além de fazer o rango, ainda limpamos e lubrificamos nossas bikes.

Após o jantar e muito bate-papo com os novos amigos, terminamos a noite numa boate.

De volta à casa do Siri, dormimos na varanda apreciando o céu repleto de estrelas. Adorei Trancoso! É paz e amor.

Ficamos mais meio dia. Andando, nadando, comendo jambo (fruta vermelha, comum no nordeste) do pé e conversando com nossos amigos "andarilhos".

Depois de almoçar arrumamos nossas tralhas e partimos para Arraial D'ajuda numa estradinha ruim e empoeirada.

Já havia estado em Arraial por duas vezes. A última a uns cinco anos antes.

- Nossa, como mudou! Pensei.

Não era mais a vilazinha que eu conhecia. Tinha crescido muito.

Centenas de pousadas, restaurantes, bares, sem falar na multidão de gente. Fiquei decepcionado. Como podia, o turismo desenfreado e mal estruturado acabar com a magia de um lugar?

Isto vêm acontecendo aos poucos com quase todos os pequenos paraísos do nosso país, à medida que o turismo vai tomando conta. Será que é assim que tem que ser?

Arranjamos um camping para ficar por 4R\$ e comemoramos a chegada até ali jantando num restaurante de rodízio de frutos do mar. Porto Seguro seria o ponto final da viagem para meu companheiro Nori. "Come-moramos" até não poder mais!

No outro dia aproveitamos a praia de Mucugê, que possui uma bancada de corais a uns cinqüenta metros da areia. Caminhamos até a Lagoa Azul e só voltamos para almoçar. No final de tarde pedalamos um pouco até Porto Seguro, aproveitando o passeio para o Nori comprar sua passagem de volta para Sampa e visitarmos a Cidade Histórica.

O odômetro da *Mula* marcava 2.000Km percorridos desde Campinas há 44 dias atrás. É chão que não acaba mais!

Dali para frente eu estava sozinho novamente, mas isso não me amedrontava ou deixava ansioso. Ao contrário, achava que ia ser muito bom e excitante.

Passamos dois dias em Arraial curtindo as praias cheias de gatas e ótimo astral antes da partida do Nori. Nos despedimos na rodoviária sem saber quando nos veríamos novamente. Ele é um grande amigo!

- Falô Nori, boa viagem garoto!

- Tchau Vitinho, se cuida e vê se me escreve da Califórnia!

Ilhado em Belmonte

Eu e *La Mula* voltamos a conversar bastante, embalados pelo som do meu Walkman. A estrada de Porto para Santa Cruz de Cabrália era ótima. Uma retona que acompanhava a praia repleta de corais. Atingia cerca de 30Km/h de média num ritmo constante.

Em pouco tempo estava em Cabrália, localidade Histórica, onde Pedro Álvarez Cabral chegou pela primeira vez no Brasil e onde rezaram a primeira missa.

Atravessei mais um rio numa balsa para a margem de Santo André, onde começa uma estrada de terra que leva a Santo Antônio, todos pequenos povoados. Daí para frente a estrada já era asfaltada, cercada de coqueiros pelos dois lados e completamente deserta. Podia dormir no meio da pista que não passaria ninguém.

Foi um fim de tarde daqueles de cinema. Lembrei do clássico "Easy Rider", onde dois motoqueiros viajam com suas "Harleys" pelos desertos da América do Norte no final da década de sessenta.

Era o mesmo astral desencanado, sem compromissos, sem tempo, sem lugar. Não pensava em nada a não ser na minha vida. Concentrava minha cabeça nas sensações do momento. Sentia a brisa refrescante acariciando meu corpo. Ouvia somente o cantar dos pássaros que descansavam nas árvores, esperando a noite chegar. Via a estrada passando embaixo do pneu da *Mula* que, incansável, girava no mesmo ritmo, executando fielmente seu papel.

Qualquer tipo de droga, naquele momento seria irrelevante pois meu estado de espírito se mantinha embebido numa grande paz, num êxtase constante de estar vivo e de repente tudo aquilo fazia sentido. A maior viagem acontece na cabeça e na alma e não fora deles.

Belmonte era o meu destino naquele dia. Lá, procuraria o Prefeito da cidade que, segundo Siri, dava um apoio para os ciclistas viajantes.

O Prefeito estava de viagem mas consegui falar com a Secretária de Turismo, Dona Diná, que depois de ouvir minha estória, me mandou para a única pousada da cidade como convidado da Prefeitura e sem ter que pagar nada.

Em Belmonte a estrada terminava novamente e para prosseguir teria que pegar um barco para Canavieiras. Porém era Sábado e o próximo barco sairia somente Segunda-feira pela manhã.

Passei todo o Domingo ilhado na cidadezinha. Neste dia o lugarejo fica deserto, nada abre. Nem restaurante, nem loja, nem mercado, nada.

Aproveitei para ir à praia, visitar o cais, conversar com alguns velhos nativos, brincar com as crianças na rua e até chupar mangas do pé.

À noite, ainda na pousada, jantei e estudei nos mapas, o caminho que iria seguir até Ilhéus.

Descansei bastante e na Segunda estava ansioso para pegar o barco. Mas de manhã cedo ele não apareceu pois a maré estava baixa demais. Fiquei esperando junto aos pescadores, no bar do Tião que ficava no pequeno cais. Conversava com cada um que chegava, ouvindo estórias e comendo bananas.

Às 11h o barco não chegara. Às 12 também não, já falavam que ele havia quebrado e só chegaria no outro dia. Continuei esperando, torcendo que fosse só boato e pensando nas outras opções de sair dali naquele dia. Talvez pudesse ir pela praia já que a maré estava baixa, ou de ônibus para uma outra cidade.

Não precisou, finalmente à uma da tarde o barco, que mais parecia uma canoa estilo "tuc-tuc", encostava no cais.

Entraram umas 15 pessoas mais a *Mula* que foi no teto. Todos nativos, simples e pacatos, só eu era "estrangeiro".

Realmente o rio estava raso e tivemos que descer e empurrar em alguns trechos para o barquinho desencilhar.

A viagem demorou quase 4 horas, passando por lindas paisagens, mangues e coqueirais. Só chegamos em Canavieiras às cinco da tarde.

Pedalei forte para aproveitar a luz do dia por 56Km até Una, no Vale do Jequitinhonha. Região pobre e sofrida pela seca que castiga os rostos e almas daquela gente simples.

O Brasil é um país com muitos contrastes e o maior deles, creio ser a diferença social e cultural de algumas regiões. O Vale do Jequitinhonha, por exemplo me lembrava os documentários que eu assisti sobre os povos da Etiópia, crianças desnutridas, miséria, falta de higiene, entre outros problemas. É uma área esquecida pelo governo e que só recebe ajuda de algumas ONG's (organizações não governamentais). Nós, de lugares como São Paulo, Rio ou grandes cidades

deveríamos nos voltar mais para ajudar esse "Brasil miserável" que nós não conhecemos do que só pensar nos nossos pequenos problemas que acreditamos ser os maiores do mundo.

Aproveitei mais uma vez a idéia do Siri e fui direto na casa do Prefeito de Una, testar minha lábia novamente. Ele não estava, mas conversei com seu filho, Fabiano e seu "braço direito", Lafaiete e eles me arrumaram um Hotel para dormir e um bom rango num PF ali perto. Tudo na "faixa".

Dei vários telefonemas nesta noite, inclusive para o Siri que delirou quando contei sobre o esquema dos prefeitos. Ele ainda falou com seus amigos de Ilhéus para me receberem quando eu chegasse lá. Grande "Brother" esse Siri!

A Galera da Bike Show

Dormi maravilhosamente no Hotel Una, antigo e simples mas com uma boa cama. Arrumei tudo nos alforjes e saí cedo. Passei na casa do prefeito para agradecer o apoio, mas estava tudo quieto e preferi não acordar ninguém.

Após o café na padaria, voltei para a estrada que agora era cheia de morros e curvas. Atravessei a Reserva Biológica do Una com muitas árvores centenárias. Pena que só pode ser visitada a fundo por biólogos e pesquisadores.

Perto de Olivença vi o mar novamente e a estrada ficou reta e plana, com coqueiros e lagoas. O clima também mudou e estava mais quente e úmido, ambiente perfeito para os pequenos mosquitos que batiam aos montes no meu rosto e braços.

Passei pela entrada da cidade de Olivença sem reconhecer nada do que lembrava da minha primeira viagem para lá, em 1985, junto com meu pai e a Drica.

Foi nesta época, numa das praias de Olivença que quase morri afogado tentando surfar num dia de muita correnteza. Fui tirado da água por dois salva-vidas e meu pai quase morreu do coração com o susto.

Porém, como disse, desta vez nem percebi quando passei pela entrada da cidade. Estava tudo mudado!

Alguns quilômetros a mais, e chegava em Ilhéus. Cidade grande e diferente dos lugares que vinha conhecendo até ali. Centro movimentado, muita gente nas ruas, calçadão, camelôs, prédios.

Meu "contato" na cidade seria a galera da Bike Show, grandes amigos do Siri. Bike Show era o nome da maior loja de bicicletas e único clube de "Mountain Bikers" de Ilhéus.

Pedindo informações na rua, logo cheguei no lugar. Era uma loja da "Caloi" bem montada, com boas bicicletas e a única representante da "Specialized" (marca da *Mula*) na região.

Perguntei pelo Paulo, dono da loja, mas ele não estava. Entretanto, Fábio, Sandra e Sinaldo, empregados do Paulo, me receberam bem, depois de perguntarem bastante sobre minha viagem.

Esperei um pouco até a hora do almoço e resolvi comer num PF ali perto por R\$2.

Durante o almoço, encontrei um cara (Wellington) que ia me ajudar a fazer contato com a TV "local". Fomos até a loja que ele trabalhava, demos uma série de telefonemas, mas não conseguimos nada. Fiquei de fazer contato com ele mais tarde.

Voltando para a Bike Show, esperei um bocado pelo Paulo, sempre bem atendido por seus empregados. Sandra até me presenteou com algumas frutas.

No final da tarde, finalmente ele chegou, e veio acompanhado por uma galera de "bikers" do clube. Paulo, Dozinho, Nivaldo, Spangel, entre outros malucos.

Me esperavam com curiosidade, avisados anteriormente pelo Siri. Também eram aventureiros e sempre faziam trilhas de Mountain Bike pela região.

Paulo ofereceu se eu gostaria de deixar *La Mula* para uma revisão geral e sair de carro para conhecer a cidade. Topei, e fomos os cinco.

Foram bastante receptivos, me convidando para ficar em Ilhéus por uns dias e fazer umas trilhas.

Me arrumaram uma garagem para ficar na casa do Paulo. Um lugar perfeito para jogar meu saco de dormir, com direito a colchonete e banheiro com chuveiro.

Em pouco tempo conheci muita gente. Tantos que nem dava para assimilar direito seus nomes.

De manhã, sempre algum dos novos amigos aparecia para me acordar, trazendo um café da manhã na garagem. Fazia alguns alongamentos, escrevia meu diário e saía para conhecer a cidade, visitar o pessoal no trabalho ou comprar algum suprimento que faltava.

No segundo dia procurei o Welington novamente, mas não rolou nada de entrevista ou divulgação na TV e resolvi desenganar.

A esta altura minha bike já estava irreconhecível. Toda limpinha, lubrificada e regulada. O mecânico Sinaldo deu um trato na *Mula*, desmontando todas as esferas dos cubos, movimentos do garfo e pedivelas, além de regular o câmbio e freios. Valeu pela força Sinaldo!

Com a bike pronta, pude fazer ótimos passeios com meus amigos do clube. Um dia, fui conhecer uma trilha muito radical e rápida perto de Olivença. Subidas e descidas, curvas e buracos, tudo numa velocidade incrível. Tomei vários tombos mas gostei muito da experiência. Diferente do ritmo lento e calmo das viagens de cicloturismo. As bicicletas sofrem impactos fortes e os ciclistas têm que manter o total controle, além de possuir força, resistência e reflexos rápidos.

O visual da mata e do mar azul completava a emoção do passeio que terminou com um refrescante mergulho na praia.

Numa outra vez, fomos pedalando por uma linda estrada de terra até o Rio do Engenho, a 30 Km de Ilhéus. É um lugar paradisíaco, tão tranqüilo que lembra épocas passadas, sem as loucuras dos dias de hoje. O tempo parou no Rio do Engenho e nós entramos no seu ritmo!

A esposa do Paulo e a namorada do Dozinho foram de carro para nos encontrar lá. Fizemos um pic-nic e tomamos banho de rio, o qual possui uma corredeira bem na frente da vila. Foi outro belo programa.

Fui ficando mais um dia, depois outro, um passeio aqui, um amigo que me apresentavam ali, e acabei passando uma semana em Ilhéus. Foi ótimo para descansar do ritmo intenso das pedaladas e para sentir melhor o lugar, já que nos últimos dias não tive esta possibilidade.

Ganhei muitos cartões postais do Dozinho e aproveitei para mandá-los no mesmo dia para amigos de Campinas, São Paulo, para o Sambatti de São José e ainda o Marcelo de Conceição da Barra.

Era importante mandar notícias para todos e aproveitar para agradecer novamente pela força daqueles que me ajudaram pelo caminho até ali. De certa forma eles acreditaram no meu sonho e agora faziam parte dele também.

Numa noite, peguei o Paulo mais tranqüilo, sem tanto trabalho, e pudemos conversar de verdade, tomar umas cervejas e conhecer melhor um ao outro. Nesta noite, resolvemos adiar um pouco mais a minha partida e programamos uma nova aventura. Spanguel, Paulo e eu iríamos de Ilhéus a Itacaré caminhando pelas praias.

Saímos na madrugada ainda fresca e com o nascer do sol, estávamos na praia, infestada de coqueiros que levava ao Norte.

Andamos todo o dia, fazendo pequenas paradas em algumas bicas de água mineral para encher nosso cantil, comer alguma coisa que levávamos e descansar nossas pernas.

A cada praia, a emoção era maior, pois a visão que tínhamos se tornava mais linda. Coqueiros generosos ofereciam seus frutos mais acessíveis do que outros. Desenvolvi uma técnica própria de escalar os mais baixos, agarrando com as mãos e com os pés descalços, e como um macaco, subia aos poucos até os frutos verdes. Pendurado a uns dez metros de altura, derrubava quantos achava necessário para saciar a sede dos três peregrinos.

O maior problema foi abrir os cocos pois possuíamos uma pequena faca e um canivete, nada apropriados para este fim. Demoramos um pouco e apesar de quebrar a ponta da minha faca, conseguimos tomar a água doce e fresca de todos eles.

A caminhada levaria dois dias por isso trouxemos provisões e equipamentos para passar a noite. Pouco antes de pararmos, já no pôr do sol, encontramos na beira de uma praia, um peixe fresco, encalhado na areia. Devia ter uns dois quilos e segundo Spanguel, experiente pescador, era um "espada" e morrera há pouco.

Levamos o peixe, e mais tarde, no local onde dormiríamos, o assamos numa pequena fogueira feita de gravetos secos.

A noite era perfeita, um céu estrelado numa pequena baía de águas calmas. Os corais apareceram com a baixa da maré, na medida em que a gigantesca lua cheia nascia numa cor alaranjada, deixando seu reflexo no mar, à nossa frente.

Ao lado da fogueira, nós três comíamos o delicioso assado, já temperado com limão e espetado aos pedaços, em varetas de madeira cortada.

Cansados e ainda encantados com o dia maravilhoso que vivemos, tratamos de dormir. Usei novamente a pequena rede presenteada pelo Augusto, amarrando-a sobre duas árvores bem situadas. Deitado, podia apreciar todo o cenário e agradecer a Deus por estar ali. Quantos teriam a mesma sorte que eu?

Acordei com o Sol despontando no horizonte para mais um dia. Voltamos a caminhar, agora mais por sobre as pedras do que por praias. À medida que o Sol subia, sentia o calor das pedras na sola do tênis. Mesmo assim continuamos de praia em praia e às 11h da manhã, chegávamos às primeiras praias ao sul de Itacaré onde havia alguns surfistas e banhistas.

Itacaré é uma vila que vêm crescendo aos poucos e possui bonitas praias além de ser um ótimo local para a prática do surfe.

Marcamos um encontro com Dozinho, sua namorada e Nelma, a esposa do Paulo, que viriam de carro para passar o domingo em Itacaré. Chegamos cedo ao local marcado, dormimos um pouco numa sombra e logo em seguida encontramos o pessoal.

Toda a tarde, morgamos na praia, com direito a pic-nic e soneca na rede. Somente à noite voltamos todos para Ilhéus na caçamba da Saveiro do Paulo, curtindo o visual da lua cheia. A maré estava seca e o carro pôde trafegar pela areia dura da praia como se fosse uma estrada.

Durante os dias em que fiquei em Ilhéus, fiz contatos com meu tio Joãozinho em Niterói. Uns tempos atrás, ele havia trabalhado na Amazônia com uma ONG (Organização Não Governamental), chamada **Saúde e Alegria** e me dizia que eu era um cara que me daria bem por lá.

Realmente eu pensava em conhecer a Amazônia, já que fazia parte do meu roteiro para chegar ao Caribe.

Joãozinho havia conversado com seu amigo Eugênio, criador e responsável pela Saúde e Alegria, que estava passando uns tempos no Rio, recuperando-se de uma doença.

Ao comentar sobre minha viagem, meus objetivos, etc, ele fez com que Eugênio se interessasse na minha pessoa para trabalhar uns tempos no Projeto pois procurava um educador formado e que soubesse trabalhar com crianças.

Joãozinho me passou o telefone da sede em Santarém para que eu entrasse em contato e disse que seria uma grande chance de eu conhecer a Amazônia de uma forma diferente.

Fiquei entusiasmado com a notícia que meu tio me dera e realmente se eu pudesse parar por uns tempos, trabalhar um pouco e conhecer melhor a vida na Amazônia, isto seria perfeito para o que eu estava procurando; AVENTURA!!!

Liguei algumas vezes para Santarém, mas não consegui falar com o Caetano, irmão do Eugênio e também coordenador do Projeto Saúde e Alegria. Tentaria mais tarde!

Despedi dos meus bons amigos e anfitriões com dor no coração, mas era a hora de partir novamente. Em mais uma das manhãs ensolaradas do verão baiano, voltei para a estrada. A gana de seguir meu caminho era ainda maior do que antes e o sonho de chegar em Salvador, agora tão próximo, me deixava um pouco ansioso.

Paulo, Dozinho, Spanguel e toda a galera da Bike Show me desejaram votos de boa sorte e presentearam *La Mula* com os mais variados apetrechos, inclusive um capacete que me convenceram a usar dali em diante.

- Boa sorte meu amigo, nós estamos aqui torcendo para que você continue nesse espírito e chegue na Califórnia.

- Valeu Paulo, brigado novamente por tudo. Falô galera, eu mando notícias!

- Boa viagem!

Antes de dobrar a esquina ainda acenei para todos, que continuavam imóveis, vendo-me partir. Não vou mais esquecê-los.

Dormindo em cana

Se tudo corresse bem, em dois dias estaria em Salvador.

Pedalei novamente em direção à BR101, enquanto o sol de rachar não perdoava qualquer cristão. Perdia muito líquido com as altas temperaturas e com isso a reposição só de água não era suficiente para me hidratar por completo. Enquanto suamos, além de líquidos, perdemos também sais minerais. Por isso era primordial comer frutas ou doces entre as refeições e durante os percursos. Esses alimentos têm rápida digestão e muita energia.

À uma e meia da tarde parei num posto de gasolina para descansar, comprar algo e aproveitei um orelhão para ligar novamente para Santarém. Foi sem sucesso pois o Caetano não estava. Deixei um recado com a secretária que ligaria numa outra hora.

Nesta altura eu pensava nas mudanças que poderiam ocorrer na minha viagem se eu fosse para a Amazônia trabalhar. A idéia de deixar de viajar de bicicleta e parar por uns tempos num lugar onde as aventuras poderiam ser outras, começava a tomar um espaço maior nos meus planos.

Não estava certo do que iria acontecer, mas já passava pela minha cabeça a possibilidade de vender a *Mula* se preciso fosse.

Esperaria que o tempo e o destino me dissessem por onde seguir, sem pressa nem medo de ser feliz!

Na verdade, só viajar de bicicleta às vezes tornava-se monótono e algumas coisas começavam a me fazer falta. Uma delas era uma companhia feminina.

Quase dois meses que estava na estrada e a carência de carinho, afeto e sexo me incomodava numa proporção maior. Talvez se encontrasse alguém que possuísse um espírito aventureiro e topasse ir junto comigo, as coisas ficariam com um sabor especial. As lembranças da Carol muitas vezes me afetavam no sentido de saber que poderia estar com ela, num lugar confortável, vendo um filminho de vídeo, comendo pipoca, numa boa. Mas não, escolhi me separar de quem eu gostava, pegar uma bicicleta e pedalar, pedalar, pedalar e mais pedalar até sei lá eu aonde! Acabava me perguntando sempre porque um ser humano que se acha inteligente faz uma coisa dessas? Em busca de que eu estava? E no final só tinha uma resposta: queria conhecer o mundo e a mim mesmo!!

O ritmo forte de exercícios físicos me impunha uma vida regrada. Dormia cedo, acordava cedo, não curtia a noite pois estava só, ou seja, levava a vida de um atleta. Mas tudo que é demais ou de menos faz mal e sentia necessidade de equilibrar meu dia a dia.

É lógico que sabia de tudo isso quando resolvi partir em busca dos meus sonhos, mas na teoria é fácil. Na prática, quando a coisa é prá valer, a gente tem que ter muita força de vontade. Mesmo assim temos que reavaliar nossos objetivos constantemente para que as coisas não fiquem sem sentido.

Na noite anterior, depois de pedalar 100Km, dormi na cidadezinha de Travessão. Era mínima, no meio da estrada e tinha apenas uma rua.

Não pensava em dormir por lá, entretanto, ao passar pela frente da delegacia, onde conversavam dois senhores, parei:

- Por favor senhor, estou fazendo uma viagem de bicicleta e necessito de um lugar para passar a noite.

- E o Sinhô vem de onde?

- De São Paulo.

O homem deu uma risada para o outro como quem diz; - só tem louco nesse mundo! - e logo me deixou ficar na cela que não recebia "hóspedes" a algum tempo.

Adormeci em cima do meu saco de dormir pensando em como seria a dramática vida de um encarcerado naquela cela, e que não pudesse sair dali para nada. Dormi literalmente em cana!

No outro dia saí da delegacia de Travessão com uma neblina forte que permaneceu na estrada por um longo período. Era uma região de serra com muitas subidas e descidas em curva que eu fazia com a *Mula* quase deitada.

Com a energia acumulada das noites bem dormidas, as manhãs após o café sempre rendiam ótimas pedaladas, por isso aproveitava essa parte do dia para percorrer distâncias maiores.

O sol apareceu dissipando a neblina quando cheguei novamente no litoral. Passei por várias pequenas cidades até Valença e aproveitei para experimentar alguns quitutes baianos como queijadinha, sorvete caseiro, água-de-coco e suco de graviola. Enchi a pança com os mais deliciosos "combustíveis" e continuei minha jornada até a próxima cidade grande.

Famosa pelos melhores estaleiros da Bahia, Valença ainda é o local onde se constroem as mais requisitadas e bonitas escunas de madeira. De tamanhos pequenos ou proporções gigantescas, são vendidas para o mundo todo por serem altamente trabalhados, seus detalhes de construção e acabamento. De lá também saem barcos para uma ilha paradisíaca chamada Morro de São Paulo, com sua beleza natural, águas calmas e azuis, é visitado constantemente por turistas de todo o Brasil e do mundo.

Em 1985 tive o prazer de conhecer o Morro e até hoje me lembro bem do cenário maravilhoso que vi por lá. Desta vez deixei para conhecer novos lugares como a própria cidade de Valença e foi nela que passei mais uma noite.

Procurei novamente a delegacia da cidade a fim de um lugar para ficar e depois de explicar minha aventura para os guardas de plantão, que por sua vez consultaram seus superiores, fui bem recebido e pude me "arrumar" no quarto dos guardas de serviço.

Tomei um banho, deixei minhas coisas guardadas e saí com a *Mula* vazia para conhecer a cidade.

Passei o dia perambulando pelas ruas e no final da tarde telefonei novamente para o Caetano em Santarém. Finalmente falei com ele e senti em suas palavras que as chances de conseguir o trabalho eram boas, porém ele estava muito ocupado com uma reunião naquele momento e me pediu para ligar no dia seguinte para conversar com mais calma.

Fiquei super feliz com a idéia de trabalhar na Amazônia mais concretizada e comecei a me convencer que seria o melhor a fazer.

Chegaria no outro dia em Salvador e seria o final de uma fase da minha longa viagem. Como disse no início desse livro, os imprevistos e as mudanças de planos seriam sempre bem vindas pois o que eu procurava eram experiências de vida. Tudo indicava que uma nova fase viria, mais rica de novas emoções do que continuar pedalando. E além disso não sairia do meu roteiro rumo ao Norte, e talvez, quem sabe mais tarde, com mais experiência e mais dinheiro, continuaria minha viagem até a Califórnia.

Presenciei um acontecimento comum nas delegacias do nosso país mas que de alguma forma me chocou.

Descansava deitado no meu saco de dormir, esticado num canto do quarto dos policiais quando ouço uma grande movimentação de pessoas no corredor da delegacia. Gritos, palavrões, sons de alguém apanhando. No que olho pela porta entreaberta vejo um suposto assaltante sendo espancado por um grupo de policiais. Perguntavam-lhe algo e voltavam a bater para que o sujeito respondesse às perguntas. Não sei ao certo o contexto da estória, entretanto senti uma energia

péssima daquele lugar. Percebi que o homem chorava com os olhos fechados pois lhe lançaram uma espécie de gás no rosto, o que devia arder muito.

Infelizmente a polícia do nosso país usa extrema violência e meios nem sempre humanos para resolver os problemas.

Dormi cedo e na manhã seguinte, após um café na própria delegacia, voltei à estrada rumo à capital da Bahia, Salvador.

Bahia de São Salvador

Percorri neste dia 110 quilômetros e completei um total de 2.535 quilômetros desde São Paulo, contando o percurso por estradas, trilhas, praias e o que andei dentro das cidades por onde estive. Foram 55 dias desde que saí no dia 10 de dezembro de 1995, dormindo nos mais variados lugares e comendo o que havia para comer.

Até aquele momento, dia 7 de fevereiro de 1996, essa era a viagem de cicloturismo mais longa que eu havia feito e a emoção de chegar a uma capital tão distante de São Paulo me dava um incentivo extra.

Entrei numa estrada que me levaria à Ilha de Itaparica. Antes porém, existe uma cidade histórica chamada Nazaré, com lindas casas coloniais e um porto muito antigo por onde chegavam e saíam importantes embarcações na época em que Salvador ainda era a capital do Brasil.

Chegaria a Salvador depois de embarcar num *ferry boat* que liga a ilha à capital e leva uns quarenta minutos de viagem.

Na minha cabeça passavam coisas como: Onde ficaria em Salvador? Quando iria embora? Embora prá onde?

Sem dúvida era cedo demais para saber pois muita coisa ainda estava por vir.

Não sei porque, mas não me cobraram a passagem no *ferry boat*, que devia ser paga na entrada. Melhor assim!

Chegando em Salvador peguei uma avenida movimentada que me levava até a Cidade Baixa e logo reconheci o Mercado Modelo e o Elevador Lacerda. Fiquei ali algum tempo parado, só olhando aquele cenário que a muito sonhei chegar. Aproveitei para tirar algumas fotos da bike carregada com esses lugares famosos da cidade ao fundo.

Decidi, após algumas tentativas frustradas de encontrar a casa de um conhecido, que dormiria num albergue no Pelourinho. Seria a primeira vez depois de Porto Seguro, que pagaria para dormir. Mas merecia e muito!

Albergue das Laranjeiras era o nome, um local ótimo, situado perto de tudo o que rola de bom no Pelourinho. O bairro foi totalmente reformado para o turismo, pois era um antigo cortiço, local imundo e com muitos assaltos. Depois da reforma, o Pelourinho virou a sede de várias instituições e centros culturais de Salvador e o turismo ganhou nova força na cidade.

À noite, na frente do albergue, sempre rolam os ensaios da escola do Olodum, famosa banda de percussão que tocou com Paul Simon e Michael Jackson. A escola ensina crianças carentes, tirando-as das ruas. É um bonito trabalho e agradável de se ouvir.

Já a banda juvenil, ensaia no Largo do Pelô, onde turistas de todas as partes do mundo perambulam dia e noite. Gringos, Rastas, japoneses ou gaúchos. Todos misturados criando um clima cosmopolita que me fez lembrar a cidade de Cuzco, nos Andes peruanos, onde estive uns anos atrás.

Pode-se comer muito bem e barato em Salvador. Almocei um PF de peixe por R\$2,50 com direito a um refrigerante, mas depois gastei uma grana com bobagens, chocolates e sorvetes.

À noite, liguei para o Nori em Santos que ficou muito contente com minha chegada e também para o Joãozinho em Niterói, contando-lhe as novas sobre o trabalho na Amazônia.

Falando nisso, também tive um outro contato por telefone com o Caetano, que me pediu para mandar-lhe meu "currículo" via fax. Faria isso no dia seguinte e teria uma resposta definitiva em dois dias.

Meu destino dependeria da resposta de Santarém, no entanto eu tinha um ótimo pressentimento e acreditava que era só uma questão de tempo para começar uma nova vida na Amazônia, um lugar que tanto ouvi estórias e sonhava em conhecer bem.

Enquanto isso eu curtia a cidade de Salvador. Pedalei por vários lugares, inclusive toda a orla metropolitana, Farol da Barra, Ondina, até o Rio Vermelho. No caminho passei por algumas lojas de bicicletas e aproveitei para tentar vender a *Mula* com seus acessórios por um bom preço. Tentaria conseguir uns R\$500 pelo pacote todo: bike, bagageiro, alforjes, bomba, jogo de chaves e ainda alguns equipamentos de segurança. Desta forma, poderia ir de mãos vazias para Santarém, mas com uma bela grana no bolso. Não consegui fechar nenhum bom negócio e voltei com ela para o albergue.

Foi lá que conheci o Julio, um catarinense loiro e alto que a princípio pensei ser mais um dos gringos que lotavam o albergue das Laranjeiras. Ele dormia no mesmo quarto que eu e só quando falamos foi que percebi que era brasileiro.

- Halô! Disse eu.

- Que halô, pode falar "oi" que eu sou brasileiro! Respondeu Julio, rindo.

Conversamos bastante até nos tornarmos bons amigos. À noite saímos para tomar umas cervejas e encontramos suas amigas no Pelourinho, fomos no ensaio do "Aragueto", uma banda de axé-music e conhecemos uma alemã chamada Anthe com seus cabelos rastafari. Os acontecimentos começavam a tomar um novo ritmo novamente, e eu, conhecendo pessoas a todo o momento.

Precisava mesmo daquilo, mudar meu ritmo de viagem. Desencanei um pouco de poupar o meu dinheiro e gastava despreocupadamente, comendo bem e saindo nas noites baianas. Mandei revelar os filmes que havia tirado até ali e quando prontos, transformaram-se em lindas fotos.

Outra pessoa que vi em Salvador foi o Gustavo. Encontrei-o na rua, no meio de uma festa. Ele me viu, eu o vi, mas nós nem nos falamos. Fingí não tê-lo visto pois eu ainda guardava um sentimento muito ruim em relação a ele. Não sabia se ele tinha pedalado até ali, se o Ricardinho ainda estava com ele, quando havia chegado na cidade, mas não me interessava, não queria saber nada, queria esquecer que o conhecia. Foi estranho tê-lo visto ali de repente!

Chapada

Julio e eu resolvemos ir para a Chapada Diamantina, mais um paraíso ecológico situado no interior do estado, cheio de cachoeiras, morros e trilhas para caminhar. Está situado a mais ou menos sete horas de ônibus da capital.

Saímos à noite e conhecemos ainda no ônibus, dois baianos, Fabrício e Tércio, que também iam para a Chapada. Eram primos e muito parecidos e passamos a chamá-los de "Primos Metralhas".

Chegamos em Lençóis, cidade colonial e turística no meio da Chapada, onde ficaríamos e de onde saem as excursões para conhecer as belezas naturais do local.

Naquela madrugada conseguimos uma pousada simples e bem barata (R\$5,00 por dia).

Passamos quatro dias naquele lugar mágico, visitando as mais diversas cachoeiras, trilhas, chapadas, grutas e rios. Conhecemos o Ribeirão do Meio com seu super escorregador natural, Cachoeira do Sossego, cercada de cânions e com um grande poço onde se pode mergulhar de uma altura de 13 metros. Fomos ainda no Poço do Diabo, Gruta da Lapa Doce (gigantesca), Gruta Azul e Morro do Pai Inácio, onde se têm uma vista fantástica de toda a Chapada no pôr-do-sol.

Caminhamos quase todo o tempo pelas trilhas que levam aos lugares exóticos da Diamantina. Nosso grupo aumentou quando conhecemos duas paulistas que logo toparam as aventuras.

Antes de partir, prometemos voltar pois é um lugar realmente maravilhoso e que merece muito mais tempo para se conhecer melhor. Adorei a Diamantina!

Foi durante o tempo em que estive lá que recebi a resposta positiva do Saúde e Alegria em Santarém. Eles aceitaram meu currículo e disseram para eu reservar uma passagem de avião para depois do carnaval, que ficaria por conta do Projeto.

Eu simplesmente delirei com a notícia e agora sabia que o meu destino havia sido traçado. Minha viagem tinha tomado outro rumo e algo que eu não havia planejado novamente trouxe um novo desafio para minha vida. Viveria num dos lugares mais inóspitos e misteriosos do mundo, podendo trabalhar com uma causa social em prol do meu próprio povo. Isto era perfeito!

Voltando para Salvador, resolvi que ficaria para curtir o carnaval e não voltaria para Sampa antes de partir para a Amazônia. Marquei a passagem direto de Salvador para o dia 25 de fevereiro. Enquanto isso curtiria o carnaval mais animado do Brasil, o da "Capital do Axé", Salvador.

Poderia gastar à vontade pois sabia que em breve ganharia um salário e recolocaria meu caixa em alta. E foi isso mesmo que eu fiz!

Carnaval

O carnaval em Salvador é um acontecimento maravilhosamente único no mundo e deveria ser estudado minuciosamente pelos antropólogos, pois reflete a cultura de um povo. Dizem alguns que esta festa popular é o ópio do brasileiro e se isto estiver certo, o baiano é o que mais se deixa embriagar com este ópio.

Nunca na minha vida tive uma experiência tão envolvente com o carnaval como esta em que passei em Salvador. Na verdade nunca curti muito a festa em si e sempre que podia aproveitava os feriados para fugir para um local distante, uma praia deserta ou para o meio das montanhas. Porém, este ano foi diferente.

O carnaval em Salvador pulsava por todos os lados, por todas as ruas. A música, o Axé, também ecoava pelos cantos, saía até pelos bueiros. As pessoas se transformavam em foliões como seres encantados que se deixam guiar pela onda de energia que assolava a cidade naqueles dias, noites e dias.

Na verdade a cidade não era mais uma cidade e sim um monumental corredor, onde cachoeiras de gentes seguiam pulando no ritmo das dezenas de trios elétricos. Estes, tocavam incessantemente com um astral ainda mais animado, alimentando o povo com a música, que naquele momento, devia ter a inspiração divina.

Aquilo me lembrava algo como uma grande procissão, uma energia emanada por milhares de "fiéis" e concentrada numa só ação: pular, pular e pular na mais pura alegria!

Não havia mais nada que lembrasse a vida cotidiana. Os orelhões foram retirados das ruas, os bancos eletrônicos também. As fachadas das lojas foram tapadas com tábuas de madeira, transformando as avenidas em cenários de um outro mundo, uma outra realidade. A realidade da fantasia, da alegria e do amor.

Mas o próprio mundo do carnaval possui várias caras, proporcionando emoções e significados diferentes, de acordo com os lugares e principalmente as pessoas que fazem realmente a festa ou não.

Na Praça Castro Alves por exemplo, bem na frente do Hotel Chile, para onde mudei durante o carnaval, acontece uma festa bem popular e democrática. As classes sociais de menor poder aquisitivo e na sua maioria negra, se misturam com uma minoria branca de turistas estrangeiros sempre preocupados com a violência e a criminalidade.

Lá é fácil de observar a alegria espontânea, a liberdade e a descontração do povo sofrido e explorado que aproveita esse mundo paralelo para fugir da dura realidade do dia-a-dia.

Ao mesmo tempo vê-se uma agressividade inclusa nos gestos e expressões corporais, retratando a cultura dessa massa de homens, mulheres e crianças que naturalmente se relacionam na rua, sem maiores preocupações.

Nesta região da cidade quase não há ricos. Os jovens "mauricinhos" e os turistas brasileiros parecem temer o contato com o povo na "pipoca" (área gratuita), por isso, quando aparecem, estão protegidos por cordões de segurança, dentro de grupos fechados.

Ao contrário da Castro Alves, é na Ondina e na Barra onde se concentram os de classes média e alta. Com suas roupinhas e carinhas produzidas, contrastam com os assaltantes que vêm para esta área a fim de "fazer a mala" com essa galera de grana.

A Ondina é local de garotada e serve de passarela para as "bonequinhas de porcelana" e filhinhos de papai. Lembra mais um shopping center do que um carnaval de rua e perde muito em naturalidade, descontração e animação. A violência também aumenta de forma brutal, na mesma proporção das preocupações quanto à segurança.

Os guardas estão por toda a parte, tanto no carnaval dos ricos quanto no dos pobres e a maneira como andam os batalhões de policiamento assusta a todos. Fazem uma fila de dez soldados, sendo que por último vai uma dupla para evitar serem pegos por traz. Com cassetetes em punho, vão abrindo caminho na multidão de formas nada delicadas.

Já no Campo Grande e Avenidas 7 de setembro e Carlos Gomes, onde os trios fazem uma volta, a população é mais diversificada. Existe uma mistura mais homogênea de ricos, negros, pobres, brancos, gringos, amarelos, rastas, velhos ou crianças. Todos se divertindo com muita alegria e tranquilidade. É um local bastante neutro e quase não se vê violência. Para mim, meu lugar favorito para pular o carnaval. Porém acredito que para quem vai curtir e conhecer o carnaval em Salvador, todos os lugares merecem ser visitados.

Durante estes dias e noites de carnaval mudei totalmente meu ritmo. Nos aspectos biológico, social e cultural, houve uma revolução no meu ser. De diurno, praticante de atividades físicas e com bons sons, me encontrava agora um ser essencialmente noturno, com pouco sono, curtindo as bebedeiras e a mulherada. Isto não era de todo ruim como parece, pelo contrário, foi uma mudança lenta e boa, principalmente ao matar minha carência afetiva, incentivado pelos encontros femininos que tive.

A Fátima da Unicamp, cruzei no meio da rua, junto com uma amiga. Não nos conhecíamos exatamente mas lembrava dela a perambular pela universidade e cheguei para conversar. Estavam sozinhas as duas e me chamaram para pular carnaval com elas.

Eu e a Fátima fomos nos conhecendo e logo percebemos que os dois procuravam uma companhia.

Curtimos muito juntos, rimos, dançamos, trocamos experiências e carícias. Os acontecimentos tomavam um sabor especial e me recordo que uns tempos antes pedia a Deus pela única coisa que me faltava naquela viagem, carinho.

Porém, até Deus às vezes exagera e me presenteou com uma visão repentina. Ou era uma miragem?

Saindo do banho para o corredor do Hotel Chile, encontro meu amigo Julio conversando com uma garota e ao lado dela estava uma outra que fitou nos meus olhos quando passei. Entrei no quarto, vesti uma roupa e como num piscar de olhos sai novamente ao corredor para conhecer a dona daquele olhar tão doce.

Chamava-se Leila, uma baiana de 20 anos que me enfeitiçou pelos seus lindos olhos castanhos, seu corpo macio e moreno e seu sorriso perfeito.

A energia que trocávamos era tão intensa e ao mesmo tempo tão tranquila que parecia nos conhecermos a muito tempo. Fiquei vidrado e não pensava em mais nada a não ser estar com a Leila. Curtimos muitas noites e dias em Salvador e o carnaval tornou-se uma festa de amor.

Quanto à Fátima, não deixei de curtir, nossos momentos também foram ótimos, mas daí para frente tive de inventar algumas desculpas para poder estar com a Leila e acabamos nos vendo somente mais uma vez antes dela viajar para Morro de São Paulo. Na verdade, a Fátima também tinha um namorado e acho que não sentiu tanto a minha falta.

Dias de Sonhos

Após aqueles dias intensos do carnaval, voltei para o Albergue das Laranjeiras e fui aos poucos direcionando minha cabeça para a nova vida que me esperava. Marquei minha passagem na Varig para o dia 25 de fevereiro por isso ainda me restavam alguns dias em Salvador para arrumar um comprador para a *Mula*, comprar algumas roupas e curtir um pouco mais a Leila.

A bike, vendi para o Fabrício, um dos "Primos Metralhas" que conheci na Chapada. Quando desmontei as rodas para colocar no carro dele, senti um estranho vazio, como uma despedida de uma companheira. Vivi com *La Mula* alguns dos dias mais intensos e emocionantes da minha vida e dividi com ela, os mais íntimos segredos e emoções. Procuro não me apegar às coisas materiais e por isso não havia pensado muito no que estava fazendo, porém, confesso que mais tarde senti falta da minha fiel companheira de pedaladas. Foi uma bike à toda prova. Não quebrou nada durante toda a viagem e furou somente duas vezes o pneu no longo percurso de 2.500 quilômetros.

Sem dúvida Fabrício estava fazendo um ótimo negócio, ainda mais que aceitei parcelar o pagamento de R\$450 em três vezes. Além da bike, ele levou todos os equipamentos próprios para o cicloturismo.

Encontrei outras vezes com a Leila durante aquela semana. Ela sabia desde o início que eu ia embora para Santarém, por isso também queria aproveitar o pouco tempo que nos restava.

Resolvemos viajar para a Praia do Forte juntos. O local fica duas horas ao norte de Salvador e tem um charme todo especial. Tive uma ótima impressão daquele lugar. Muitos coqueiros, casas com estilo e bom gosto e um astral bem baiano. Quase todas as construções são rústicas e feitas em sapé, dando um ar de paraíso tropical ao lugar. Lembrava a Ilha da Fantasia do seriado de TV.

Junto conosco veio uma amiga da Leila chamada Janine. Financiei a viagem para as duas, que estavam sem grana. Sabia que iria ganhar dinheiro em breve por isso minha relação com ele, no momento era ótima. Gastava mesmo, sem dó, com aquilo que achava valer à pena para minha felicidade. E, sem dúvida, a Leila me fazia muito feliz.

Se ela me fazia feliz, eu também lhe trazia uma alegria nada fácil de medir. Foram várias as vezes que ouvi Leila se declarando, dizendo coisas lindas que me deixavam até sem graça. Claro que um homem também curte ouvir uma mulher dizer coisas doces, que o ama ou ainda que vai sentir sua falta quando partir. Naquele momento aquilo me trazia um bem estar e alegria tão grandes que eu tentava aproveitar todos os segundos ao seu lado.

Conversamos horas seguidas deitados na areia da praia, sob o luar, vendo as estrelas. Falamos sobre se viver intensamente os momentos do presente, deixar as emoções fluírem pelas veias, amar sem esperar nada do futuro, sem expectativas.

Realmente tentávamos ao máximo seguir esta filosofia, curtindo, namorando, conversando, nadando naquele mar maravilhoso, caminhando pelas areias brancas e se amando por momentos intermináveis. O que importava era sentir o outro e guardar para sempre aqueles momentos num lugar onde ninguém mais pudesse mexer, dentro do coração.

Depois de três dias na Praia do Forte, chegara o dia de ir embora para a nova vida que me esperava. No ônibus de volta a Salvador, estávamos em estado de graça. Não falávamos nada. Quietos, viemos nos sentindo, trocando uma energia linda, de rara magia.

Eu sabia que eu estava deixando escapar uma grande chance de me amarrar em alguém que eu realmente gostava, alguém que mexeu comigo como poucas vezes eu sentira antes. Foi difícil parar de abraçá-la, quando no aeroporto de Salvador, chamaram o número do meu voo.

Fiquei tão emocionado que não tinha reação, continuava quieto olhando para seus olhos cheios de lágrimas. Pedia que o tempo parasse ali para que eu pudesse guardar aquele momento para sempre.

Ele quase parou, pois até hoje me lembro de cada detalhe do seu rosto, do cheiro do seu perfume, da maciez do seu corpo e principalmente do brilho dos seus olhos.

- Sei que tudo isso foi um lindo presente que Deus me deu e não foi por acaso.
- Não, não foi por acaso. Nos veremos de novo.
- Até um dia Leila!
- Até um dia Victor!

E embarquei no avião olhando a noite quente de Salvador ficando cada vez menor até sumir da minha vista.

Foram dias inesquecíveis e agradecia a Deus por me dar a chance de vivê-los. A viagem já tinha mudado muito minha cabeça. vi e vivi coisas que nunca mais esqueceria. Conheci pessoas que guardaria para sempre no coração e o melhor de tudo, sentia que uma energia muito forte estava me guiando. Talvez essa energia fosse Deus, e ele estava dentro de mim, tal como nas plantas, nos animais, no céu, no mar e em todas as pessoas.

Os acontecimentos foram se desenrolando para que eu pudesse sair de Salvador despreocupado, satisfeito com minha vida e pronto para encarar uma nova realidade. Era como se eu estivesse saindo de um sonho maravilhoso para entrar em outro. Eu estava preparado para o desconhecido.

Amazônia, aqui vou eu!!